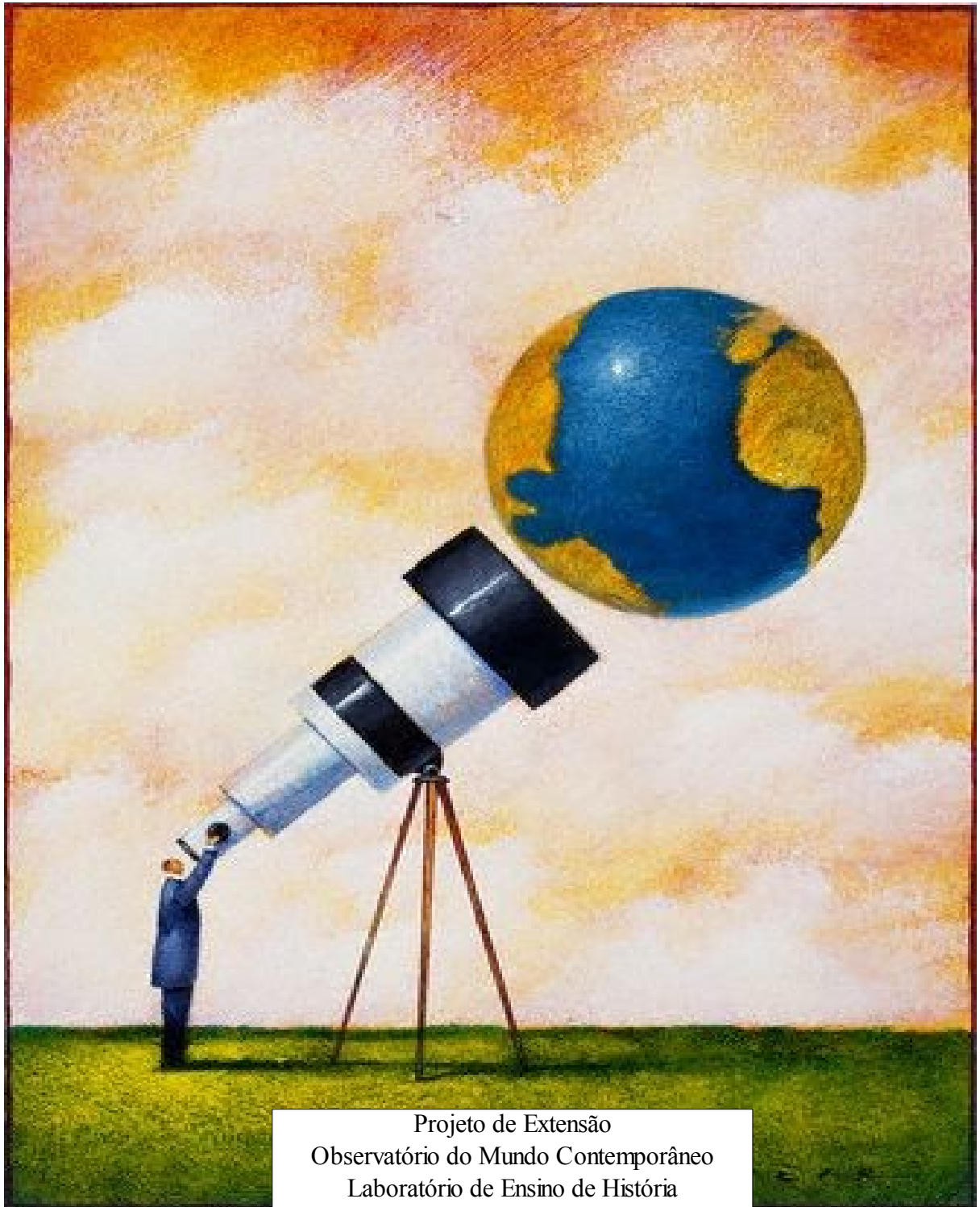


# Cadernos do Observatório. v.3



Projeto de Extensão  
Observatório do Mundo Contemporâneo  
Laboratório de Ensino de História  
UNIOESTE

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR, Brasil)

Cadernos do Observatório / UNIOESTE. Universidade do Oeste do Paraná.  
Campus de Marechal Cândido Rondon. Laboratório de Ensino de História. n,  
(2009). Marechal Cândido Rondon: 2009 – v3.

Anual  
ISSN

1. História Imediata – Textos Didáticos. 2. Mídia – Textos Didáticos. 3. Educação –  
Textos Didáticos. I. UNIOESTE. Campus de Marechal Cândido Rondon.  
Laboratório de Ensino de História.

905

CDD 21. ed

CIP-NBR 12899

Ficha Catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio CRB-9/965

*Organização*

Equipe do Observatório.

*Revisão dos textos*

Profa. Maria Lourdes Hilgert Kraulich.

*Estagiários*

Karen Loraine Kraulich.

Marcos da Silva de Oliveira.

*Coordenação*

Aparecida Darc de Souza.

## **Sumário**

SOBRE O PROJETO.....	4
QUANDO TRABALHAR ADOECE!.....	6
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	14
QUAL O CAMINHO DAS ÍNDIAS?.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
NEOCONS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
O MAL QUE NOS ASSOLA NÃO É VIRAL, É SOCIAL!.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
VINTE ANOS SEM MURO?.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

## **SOBRE O PROJETO**

Observatório do Mundo Contemporâneo: produzindo pensamento crítico

*Carla Luciana Silva.  
Aparecida Darc de Souza.*

O projeto de Extensão Observatório do Mundo Contemporâneo vem sendo realizado desde o ano de 2001. O projeto objetiva promover a leitura crítica da realidade contemporânea mundial. Para tanto, são produzidos murais e textos de reflexão, em linguagem acessível a qualquer interessado.

Os textos produzidos pela equipe estão sendo disponibilizados na Internet, na página da Unioeste ([www.unioeste.br/projetos/observatorio](http://www.unioeste.br/projetos/observatorio)). Os murais são colocados no Campus de Marechal Rondon em local de amplo acesso à comunidade que frequenta o Campus diariamente. Oficinas são oferecidas em eventos onde é apresentado o projeto, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre os referenciais teóricos que são utilizados.

Além disso, a divulgação do projeto nas escolas tem tido amplo apoio, com a participação efetiva dos alunos do ensino médio das escolas da região nas atividades desenvolvidas. Mas nosso objetivo vai além, e é por isso que os murais foram transformados em slides que podem ser utilizados com data show para fazer oficinas em qualquer lugar que disponha de um computador. Queremos com esse material de apoio, esse caderno de textos, promover subsídios para que professores da rede pública, e demais educadores populares possam fazer eles também essas discussões e trabalhar com esse material.

Nosso maior interesse é incitar o debate sobre os temas contemporâneos. O princípio que nos norteia é que faltam materiais críticos para analisar a história recente. E que essa história faz parte de nossas vidas de forma inexorável: nós somos os sujeitos da história. E para transformá-la temos que ter recursos para conhecê-la. A mídia ocupa esse espaço de maneira privilegiada, trazendo um projeto hegemônico que busca nos convencer de que o que ela propõe é expressão pura da verdade absoluta. Por isso focamos sobretudo na mídia, em matérias jornalísticas, porque são elas que produzem uma compreensão da história recente, forjando visões de mundo sobre o tempo atual.

Não podemos enquanto historiadores pensar que só deveremos pensar sobre a história depois que ela “tiver passado”, sob pena de termos perdido recursos básicos pra sua

compreensão. Mesmo que nossas análises sejam inconclusas, é necessário que nos acerquemos dos recursos possíveis para compreendê-la. O aspecto midiático da questão nos faz também pensar sobre a necessidade de produzir materiais que sejam atraentes, que prendam atenção. E por isso temos investido nos murais em forma de slides que permitem visualizar essas discussões de forma que sejam compreensíveis ao maior número de pessoas possível.

Os materiais podem ser utilizados por qualquer interessado. No entanto, eles não são auto-explicativos. Para trabalhar com essas temáticas é necessário preparação, estudo, e questionamento. Nossa história não pode ser portadora da verdade absoluta como é a que a mídia faz. Ela tem que ser indagadora, analítica, demonstrativa e também interpretativa. Alguns elementos distinguem nosso texto do que é produzido pelo jornalismo: o respeito às fontes e sua citação fidedigna; a elaboração de questões problematizadas; a utilização de hipóteses colocadas como respostas provisórias e não como verdade absoluta; a definição clara do lugar a partir do qual falamos.

O grande problema dos meios de comunicação não é quando eles mostram que tem um lado, mas quando eles assumem posição sem deixar isso claro, porque isso confunde o leitor / espectador, que passa a receber isso como sendo “notícia: verdade”. Nosso trabalho não pode ter esse mesmo sentido. O princípio da utilização de fontes históricas nos obriga a buscar outros recursos para compreensão do real: dados estatísticos, estudos comparados, fotografias, depoimentos, mapas, e muitos outros materiais são utilizados além dos recursos disponíveis na internet. Isso é fundamental para construir textos analíticos e críticos.

Para construir esse material utilizamos várias fontes de imprensa contra-hegemônica. É importante ressaltar que a mesma crítica que fazemos aos grandes meios de comunicação, temos que fazer aos pequenos: quem fala? Para quem fala? Por que fala? Isso nos permite perceber que nunca esses meios são neutros, eles têm uma organicidade, tomam partido o tempo todo. E isso precisa ser dito, não ocultado. É isso que nos permite não cair na ilusão da neutralidade. Nós temos posição, mas não podemos ocultar isso.

Desejamos a todos um bom trabalho. A forma com que cada um vai utilizar o material é livre. Propomos a utilização paralela do caderno de textos e dos slides. Sempre que possível, promover a consulta a jornais, revistas, internet, como forma de incitar também a pesquisa por parte dos participantes. Mas para isso seria necessário um tempo mais extenso, e vai depender da disponibilidade de cada escola. Pedimos apenas que, na medida do possível, nos informem sobre a utilização do material, apontando críticas e sugestões para que possamos melhorá-lo, pois o projeto segue sendo realizado.

# QUANDO TRABALHAR ADOECE!<sup>1</sup>

## Introdução.

*Profa. Dra. Aparecida Darc de Souza<sup>2</sup>*

De acordo com os dados divulgados pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) atualmente, no mundo, dois milhões de trabalhadores morrem a cada ano de doenças ocupacionais e acidentes ocorridos no ambiente de trabalho. De maneira geral o número de mortos diários é superior a 5 mil pessoas. Este índice, segundo a OIT, representa o dobro das vítimas de guerra.

O crescimento do número de doenças ocupacionais e acidentes de trabalho está relacionado, em grande medida, ao aumento do ritmo e da intensificação do trabalho exigidos pelos novos padrões de acumulação estabelecidos nas últimas décadas. Submetidos a tarefas repetitivas e pressionados pelas metas de produtividades milhares de trabalhadores no Brasil e no mundo sofrem com o trabalho degradante.

Entretanto, este sofrimento causado pelo processo de trabalho é invisível aos olhos da sociedade, porque regra geral é visto como um problema individual. Por um lado, muitas vezes o trabalhador é responsabilizado pelo acidente por desatenção, descuido ou desrespeito às normas de segurança. Até mesmo quando o cansaço é o fator determinante do acidente, a culpa é atribuída ao trabalhador que decidiu de “livre e espontânea vontade” duplicar sua jornada de trabalho para aumentar sua renda. Desconsidera-se que é a luta pela sobrevivência e a dinâmica de organização do processo produtivo que leva a uma jornada intensa e extensa de trabalho.

Por outro lado, as chamadas doenças ocupacionais (*doenças causas pelas condições de trabalho ou ambiente e/ou pelos processos de trabalho*) são de difícil diagnóstico, pois são socialmente reconhecidas como resultados de propensão genética, ou maus hábitos pessoais.

---

1 Mural Produzido em abril/2009. Coordenação: Aparecida Darc de Souza. Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Juliana Valentini, Karen Loraine Kraulich, Karen Renata Capelesso, Marcos da Silva de Oliveira.

2 Docente no curso de História da UNIOESTE.

Novamente o problema é tratado como uma questão individual e depositado sobre os ombros do trabalhador. Atualmente, no Brasil, são reconhecidos como doenças ocupacionais quatro grandes grupos de patologias: **Hipertensão Arterial, Doenças Respiratórias Crônicas, Doenças do Aparelho Locomotor, Distúrbios Mentais e Stress.**

Dentro deste quadro, houve recentemente um grande aumento das doenças do aparelho locomotor, em especial da LER/Dort. Essas nomenclaturas servem para designar as inflamações que atingem tendões e as bainhas nervosas que os recobrem. São doenças que atingem os músculos, tendões, nervos e ligamentos que podem ocasionar invalidez permanente. Dados divulgados pelo Ministério da Saúde do Brasil indicam que a LER representa 70% das doenças relacionadas ao trabalho. Considerada como uma doença específica de determinados setores, hoje esta doença atinge não só digitadores e bancários, mas espalhou-se como uma epidemia na indústria e no setor de serviços.

Mas não são apenas os trabalhadores urbanos que sofrem com acidentes e doenças causadas pelo trabalho. No Brasil é bastante elevado o número de trabalhadores rurais que adoecem e/ou morrem por intoxicação com agrotóxicos. Segundo o Ministério da Saúde os agrotóxicos estão em sétimo lugar em número de acidentes com substâncias químicas e em primeiro no número de mortes no Brasil. O excesso de trabalho, o ritmo acelerado de produção e o aumento da carga de trabalho individual representam os principais fatores dos acidentes e morte de trabalhadores nos canaviais.

Estes dados revelam que, seja no campo ou na cidade, as novas formas de organização do trabalho têm cobrado um preço demasiadamente alto para alcançar os altos índices de produtividade e sucesso no mercado.

## O Degradante Trabalho dos Canaviais

*Juliana Valentini<sup>3</sup>*

*Alexandre Arienti Ramos<sup>4</sup>*

Uma das primeiras ocupações lucrativas no Brasil foi a produção canavieira. Com altos e baixos, esta atividade permeou toda a nossa história, fazendo-se presente até os dias de hoje. Assim como a produção canavieira às relações de exploração que são a ela comuns foram um dos legados deixados ao Brasil e aos trabalhadores brasileiros. Desde a década de 70, num cenário preocupante de poluição e elevação dos preços do petróleo, a cana é revisitada como campo lucrativo de investimento. O setor vem crescendo anualmente a taxas de 8,95% de 2000 a 2005.

O ressurgimento da atividade traz consigo formas de exploração semelhantes àquelas adotadas na prática colonial. A produção canavieira apenas substituiu o escravo pelo trabalhador bóia fria. Um cortador de cana trabalha até 18 horas por dia, durante as quais corta em média de doze a vinte toneladas de cana. O trabalhador recebe por tonelada cortada uma média de R\$ 2,50 reais. Como incentivo ao aumento da produção são sorteados brindes aos campeões de produtividade. Tal situação obriga os trabalhadores a desempenharem jornadas extenuantes, tornando o trabalho uma jornada permeada por doenças e mortes.

O gigantesco esforço diário exigido no corte da cana produz uma massa de trabalhadores doentes que são vistos como peças descartáveis da moenda que produz o álcool nosso de cada dia. Entre as doenças mais comuns temos perda de potássio, câibras, doenças respiratórias, desvio de coluna, Ler/Dort. Chegamos, enfim, ao extremo de encontrar trabalhadores, seres humanos como eu e você que está lendo este texto, literalmente morrendo de exaustão em convulsões de câibra aguda, tecnicamente chamada de distúrbio hidreletrolítico. Esse quadro limite se torna possível graças ao uso de toda sorte de estimulantes, analgésicos que impedem o trabalhador de ceder ao cansaço e ao esgotamento físico. Como alternativa para este cenário tem sido pensada a mecanização da produção canavieira.

O ministro do trabalho Carlos Lupi admite a existência do trabalho degradante nos

---

3 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE

4 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE



canaviais, e aponta como alternativa para erradicar esse problema de exploração de mão de obra barata, a mecanização, que criará novos empregos para profissionais formados, como técnicos agrícolas, mecânicos, tratoristas, psicólogos, engenheiros de produção e outros. Acreditando que a mecanização reduzirá o esforço bruto, a exploração do trabalho informal, a mão de obra infantil, etc. Ignorando dessa forma que a submissão a esse trabalho só ocorre devido à falta de opção de trabalho. Todavia deixará desempregados milhares de indivíduos que correspondem aos trabalhadores ‘menos qualificados’, tirando a única opção de sobrevivência e os empurrando para outras formas precárias de trabalho. A mecanização é uma solução que tem em seu horizonte apenas a preocupação com a produção, com a produtividade e com o lucro.

## **LER: A nova epidemia do Brasil**

*Guilherme Dotti Grando<sup>5</sup>*

*Karen Loraine Kraulcih<sup>6</sup>*

As chamadas LER (Lesões por Esforços Repetitivos)/DORT (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho) não são doenças recentes, porém vêm crescendo em proporções epidêmicas a partir dos anos 90; impulsionadas pelas mudanças tecnológicas na organização e divisão do trabalho, onde o interesse exclusivo das empresas é o acúmulo de capital, as LER/DORT prejudicam a saúde e a vida social dos trabalhadores cada vez mais cedo.

Embora os índices de acidentes de trabalho tenham caído na década de 90, as doenças relacionadas a ele cresceram cada vez mais, somente no estado de São Paulo, o número de trabalhadores que sofrem de LER/DORT é de 310 mil, ou seja, 6% do número total de trabalhadores na cidade, em pesquisa do Datafolha em 2001.

Segundo o Relatório da Nusat/INSS MG nos anos de 1992 a 1998, a faixa etária predominante nos caso de LER/DORT é a que vai dos 30 aos 39 anos. Em relação à escolaridade, os índices de lesões em trabalhadores com nível superior caíram de 22,4% em 1994 para 9,6% em 1998. Já no que diz respeito aos trabalhadores com escolaridade inferior a 8 anos de estudo, os números subiram de 30,1% em 1994 para 45,7% em 1998. Podemos analisar também a relação entre o salário dos trabalhadores e as doenças ocupacionais, em estatísticas temos o número de lesionados que recebem de 1 a 2 salários mínimos crescendo de 11,9% em 1994 para 29,8% em 1998 enquanto aqueles que têm uma renda acima de 5 salários vão de 38,1% para 27% nestes mesmos anos. Neste mesmo relatório vemos que somente na Região Metropolitana de Belo Horizonte entre 1991 a 1996, os casos de LER/DORT tiveram um crescimento anual de 32,8%.

De acordo com pesquisas, as mulheres são as mais atingidas nos casos de LER/DORT, não pela questão da chamada propensão biológica, mas sim pela forma de inserção feminina na divisão do trabalho. Quer dizer, as mulheres ficam com tarefas mais repetitivas e

---

5 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE

6 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE

monótonas que os homens. As faixas etárias mais atingidas neste caso são as que vão dos 18 aos 24 anos, 35,3% e dos 25 aos 39 anos, 33,5%. O número de desempregos é maior também entre as mulheres: na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em 297 mil desempregados, elas representam 51,1% e eles 48,9%.

As doenças ocupacionais não prejudicam o indivíduo apenas em seu campo de trabalho, mas também a sua vida social. O que antes atingia quase que exclusivamente digitadores, telefonistas, caixas bancários, se estendeu também a trabalhadores de serviços de saúde, faxineiras, bordadeiras, professores. As LER/DORT vem crescendo à medida que as empresas não as colocam como questões graves e que precisam ser prevenidas e fazem com que os trabalhadores sintam as lesões como problemas exclusivamente seus e não como resultado de um trabalho desgastante e repetitivo por um longo período de tempo.

## **Frigoríficos: o outro lado da moeda!**

*Karen Renata Capelesso*<sup>7</sup>

*Marcos da Silva de Oliveira*<sup>8</sup>

Uma das principais atividades econômicas do estado do Paraná é a produção de carnes, sendo o estado um dos recordistas de exportação do país. Para termos noção desta realidade, dos 50 municípios que fazem parte da região oeste, em mais de 12 deles há frigoríficos, cooperativas e abatedouros. Somente o segmento de abate de aves é o maior empregador da região, concentrando cerca de 13,84% de toda a mão-de-obra industrial.

O processo de trabalho dos frigoríficos compreende desde a recepção do animal vivo, processamento de todas as suas partes até ficarem prontas para comercialização. As atividades de produção concentram-se em quatro grandes etapas: preparação – recepção e abate dos animais; evisceração – retira-se as vísceras dos animais e corta-se o em diferentes partes; espotejamento e embalagem – as partes dos animais são separadas, pesadas e embaladas; estocagem e expedição – estoque e despacho das peças para consumo.

Na maioria das vezes, os recordes de produção, exportação das indústrias é propagandeado com glórias, mas não nos perguntamos como que essas taxas estão crescendo, a que custo que acontece este crescimento. Esquecemos em que situação os responsáveis efetivos pela produção, os trabalhadores, se encontram neste panorama.

A situação dos trabalhadores é extremamente precária, jornada de trabalho estafante, estresse, pressão para cumprir metas de produção exigidas pelos frigoríficos, que algumas vezes são quase humanamente impossíveis de se serem alcançadas. Mesmo assim, muitos trabalhadores, com medo de perder o emprego, se desdobram em esforços para atingir o ritmo de produção determinado pela necessidade do mercado.

Em recentes estudos, foi apontado que a média de abate dos frigoríficos no oeste do Paraná são de 8 mil frangos por hora, 3 mil cabeças de bois por dia e 7 mil porcos por dia. Qual é o impacto destas metas sobre os trabalhadores? Qual é o custo humano envolvido nesta produtividade?

As complicações causadas pela sobrecarga de trabalho são imensas, variando desde

---

7 Discente do 4º ano do curso de História da UNIOESTE

8 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE

doenças psicológicas como estresse, depressão a físicas como os bicos de papagaios, hipertensão, reumatismo, tendinite, bursite, e principalmente a LER (Lesão por Esforço Repetitivo), que já se tornou uma epidemia no mundo. Segundo dados do Ministério da Saúde, o trabalho em frigoríficos está entre as 4 atividades em que mais ocorrem doenças, sendo a principal a LER.

A falta de controle e de fiscalização em muitos abatedouros faz com que cada vez mais muitos trabalhadores sofram com a LER, pois seguem uma rotina exaustiva de “repetitividade de movimentos” num ritmo intenso e acelerado de produção, geralmente determinado pelas máquinas. Com o manuseio de equipamentos perigosos, exposição à variação de temperatura, desgaste físico e psíquico, os risco de ocorrer acidentes e doenças são mais visíveis.

Em suma, esta lógica de produção, visando somente o aumento de lucratividade dos frigoríficos, traz a “geração de emprego e renda”, porém as complicações resultantes são as doenças ocupacionais e acidentes, causados por extensas e intensas jornadas de trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENDES, René. *O impacto dos efeitos das ocupações na saúde dos trabalhadores*. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, 22(4): 311-26, 1988.

NOVAES:José Roberto Pereira, *Campeões de produtividade: dores e febre nos canaviais paulistas*. **Estudos Avançados**. 21 (57): 167-177, 2007.

SALIM, Celso Amorim. *Doenças do trabalho exclusão, segregação e relações de gênero*. **São Paulo em Perspectiva**, 17(1): 11-24, 2003.

UNIOESTE, *Cartilha sobre a saúde do trabalhador: fique de olho para não entrar nessa fria*. Cascavel, Edunioeste, 2008.

[http://www.bauru.unesp.br/curso\\_cipa/4\\_doencas\\_do\\_trabalho/1\\_doencas\\_no\\_mundo.htm](http://www.bauru.unesp.br/curso_cipa/4_doencas_do_trabalho/1_doencas_no_mundo.htm)

[http://www.segurancanotrabalho.eng.br/artigos/acid\\_brasil.html](http://www.segurancanotrabalho.eng.br/artigos/acid_brasil.html)

[http://veja.abril.com.br/160797/p\\_134.html](http://veja.abril.com.br/160797/p_134.html).

<http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/clipping/junho-2008/ministro-admite-existencia-de-trabalho-escravo-nos-canaviais>

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG77560-5856,00.html>

<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/04/28/materia.2008-04-28.4025897983/view>

<http://www.observatoriosocial.org.br/portal/index.php?option=content&task=view&id=1824&Itemid=114>

## QUAL O CAMINHO DAS ÍNDIAS?<sup>9</sup>

### Índia: História, Cultura e Religião Milenares

*Profa. Ms. Alessandra Gasparotto<sup>10</sup>*

*Prof. Ms. Alexandre Blankl Batista<sup>11</sup>*

A história e a cultura indianas são pouco conhecidas entre os ocidentais. Não apenas os elementos histórico-culturais, como também tudo o que diz respeito ao “orientalismo”, nas palavras do intelectual palestino Edward Said, são freqüentemente vistos como alegorias exóticas frente aos costumes ocidentais. Algumas dessas alegorias, personagens ou apropriações da cultura do oriente nos chegam de maneira um tanto distorcida da original. De forma mal amanhada, ouvimos falar das personalidades indianas, bastante difundidas no ocidente, as quais se podem citar Sidarta Gautama (o Buda), Mahatma Gandhi (guru da não-violência e da resistência contra a ocupação britânica), Ravi Shankar (músico que influenciou os Beatles no final dos anos 60), Indira Gandhi (Primeira-ministra da Índia de 1966 a 1977 e de 1980 a 1984), entre outros, que necessitam ter as suas atuações contextualizadas na história da Índia para uma melhor compreensão de suas trajetórias individuais. Similarmente a esse descuido ocidental com a história e cultura orientais, chama a atenção, recentemente, a maneira como a novela das oito, da Rede Globo de televisão, tem abordado os costumes indianos.

A forma como a novela tem tratado a religião e a cultura manifestos nos personagens de *Caminho das Índias* destaca muito a alegoria e o suposto exotismo dos costumes indianos. Há o uso e o abuso da cultura do “diferente”, sendo enfatizada a incompatibilidade dos costumes orientais com os ocidentais. Visto desta forma, é difícil inverter os papéis, ou seja; a

---

9 Mural produzido em maio/2009. Coordenação: Alessandra Gasparotto e Alexandre Blankl Batista. Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Juliana Valentini, Karen Loraine Kraulich, Karen Renata Capelesso, Marcos da Silva de Oliveira.

10 Docente do curso de História da UNIOESTE.

11 Docente do curso de História da UNIOESTE

partir do oriente, e de sua lógica e complexidades próprias, vislumbrar o ocidente como a cultura distinta e exótica. Somado a isso, procura-se sublinhar o estilo das roupas, manifesto no “dicionário da moda atual”, ou a organização em castas como um empecilho esdrúxulo e extravagante, o que contribui para aumentar aquela visão do oriente, vista a partir do ocidente, que descontextualiza os costumes e práticas próprios de uma cultura, resultado de milênios de história, confluências e sincretismos.

O objetivo deste mural do OMC é, na medida do possível, dar vazão a esses elementos que, muitas vezes, escapam desse “olhar do ocidente”. Utilizamos como gancho para problematizar a história, a cultura e a religião indianas, exatamente a forma sumária como as mesmas são retratadas pela “cultura ocidental” e, mais especificamente, pela atual novela das oito da Rede Globo - *Caminho das Índias*. Neste texto, procuramos apanhar alguns momentos da História da Índia, em que tentamos contextualizar certos personagens conhecidos entre os ocidentais e evidenciar o papel da religião, enfatizando a necessidade de entendermos a dinâmica religiosa, cultural e histórico-política juntas. Nos demais textos do mural, sublinham-se aspectos da religião hindu, cultura indiana, as temáticas das telenovelas brasileiras e a posição estratégica dos Estados Unidos frente às nações populosas e com grande potencial de mão-de-obra, como é o caso da Índia.

### **Dos tempos remotos à Índia contemporânea**

O passado remoto da Índia remonta aos séculos IV e III a.C., em que há vestígios de uma civilização que começa a tomar forma no vale do Indo. Esta tem seu ápice de desenvolvimento entre os anos 3000 e 2000 a.C. Tal civilização, chamada de dravidiana, dirigida essencialmente por sacerdotes, mostra indícios arqueológicos de que teria sido a precursora do hinduísmo. De seus vestígios materiais encontram-se as primeiras figuras esculpidas em barro de representações de deuses como Kali (divindade vinculada às noções de morte e de tempo) e Shiva (aquele que se incumba da dança para movimentar o mundo). Essa civilização do Indo entrou em declínio entre 1500 e 800 a.C., época em que o local do vale e arredores foi invadido pelos arianos (arios), povo oriundo, provavelmente, da região central da Ásia.

Com a invasão dos arianos tem-se início a denominada civilização védica (2500-500 a.C.). A partir deste momento é que se originam os Vedas (poemas e hinos que regem e



explicam o hinduísmo). O princípio fundamental do hinduísmo e de toda a cultura da Índia está fundamentado nos Vedas, compostos em sânscrito, atribuídos a Krishna, encarnação do deus Vishnu. Vale salientar que os deuses mais importantes da religião são exatamente Vishnu, além de Brahma e do já mencionado Shiva.

A importância de entendermos a relevância dos Vedas para a cultura contemporânea da Índia está no fato de que eles descrevem como devem ser os rituais religiosos e as normas sociais, atribuindo a supremacia de uma casta superior: a dos sacerdotes, chamados de brâmanes. O sistema de castas exerce forte influência na divisão social do país, embora não seja consenso político dentro da Índia. A norma que privilegia os brâmanes não permite ascensão social, vale para sempre e está definida pelo nascimento. Assim, o indiano descendente de uma casta inferior deve conformar-se e viver sua vida em penitência, pois sua condição foi determinada já antes do nascimento, dizem os Vedas, por não ter tido uma vida espiritual satisfatória em sua última passagem terrena.

Um momento importante, e de certa forma de ruptura, na história e na cultura religiosa indiana, se dá por volta do século VI a.C. com a criação das seitas budista e jainista. Ambas contestavam normas dos Vedas, como a supremacia dos brâmanes, embora partilhassem seus princípios filosóficos com o hinduísmo, aceitando essa religião como a originária de suas seitas. O budismo, criado pelo príncipe indiano Sidarta Gautama, nascido no sul do atual Nepal, fora mais difundido e, curiosamente, teve mais relevância fora da Índia do que propriamente no berço do território em que foi criado. Todavia, é mais uma dentre as muitas religiões por lá praticadas, com a observância de que o hinduísmo ainda é a religião dominante.

O budismo e o jainismo foram importantes questionadores da sociedade de castas naquela época e no decorrer dos séculos seguintes, fato relevante que, de certa forma, abalou as estruturas fundamentadas da supremacia dos brâmanes. Muito mais tarde, entre os séculos VIII e XII, outra religião, fruto de novas invasões, foi relevante para novos questionamentos à organização das castas indianas: o islamismo. Os muçulmanos não apenas penetraram no território, conquistando várias cidades, como conseguiram converter inúmeros indianos ao Islã. Além dos muçulmanos, outras duas invasões importantes em território indiano foram a dos Mongóis, entre os séculos XVI e XIX, os quais absorveram muito da cultura local, e a dos ingleses, em época de imperialismo pré-Primeira Guerra Mundial, os quais só saíram de lá há cerca de cinquenta anos atrás.

## **Do Imperialismo à Independência**

A influência inglesa sobre a Índia, na verdade, tem início já no século XVII, através de tratados comerciais com a região. Esses acordos, aos poucos, foram condicionando a Índia a perder sua autonomia política. Em meados do século XIX, os britânicos controlavam grande parte do território indiano e submetiam a população às regras de aduana e ao confisco de recursos naturais, antes pertencentes ao povo, e agora intermediados pelo comércio inglês. O sal, por exemplo, foi um dos recursos naturais proibido de ser produzido pelos hindus. Os mesmos eram obrigados a comprar o produto dos britânicos. Sob pena de descumprirem as “Leis do Sal”, os indianos estavam sujeitos a brutais punições de violência física, repressão armada e prisão.

Neste contexto, em meio às reivindicações pela independência da Índia e resistência à ocupação britânica, destaca-se o líder Mahatma Gandhi, o qual consegue reunir multidões com um princípio filosófico muito simples: a não-violência. Sem usar de violência na resistência à ocupação britânica, Gandhi consegue, em um ato simbólico contra as “Leis do Sal”, conduzir pacificamente uma multidão que caminhou 400 quilômetros até o litoral, no dia 6 de abril de 1930. Ao chegar, todos levantaram o punho erguendo junto punhados de sal, inspirando, através deste gesto, o povo indiano na direção de reivindicar seus direitos junto aos britânicos e legitimar seu apelo pela emancipação política da Índia.

Gandhi conseguiu com que grande parte dos indianos, embora não se revoltassem com brutalidade, desobedecessem simplesmente às ordens britânicas. Esse princípio de desobediência pacífica feriu severamente os interesses dos ingleses, os quais precisavam não apenas das riquezas naturais e do comércio, mas também da mão-de-obra da população indiana.

O envolvimento da Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial servira muitas vezes de pretexto para que a independência da Índia não seguisse seu rumo. O cenário pós-guerra, de rechaçamento aos regimes autoritários e opressores, do qual a Inglaterra, pelo menos no discurso, condenava, criou uma postura dúbia: por um lado, no plano das idéias e do discurso, se defendia a liberdade e autonomia indianas; por outro, na prática, se mantinham monopólios comerciais e a interferência política direta no país.

Diante desse quadro, a independência foi consolidada apenas em 1947, efetivando-se a primeira Constituição do país em 1950. O Estado e a Constituição que nasciam, no entanto,

não vieram sem conflitos e contradições. Como resultado da emancipação do Império Britânico, a Índia sentiu na pele as dissidências resultantes das disputas religiosas e políticas. O saldo negativo foi a guerra civil, com inúmeras mortes e violência urbana, seguida da separação do Paquistão, o qual se tornou Estado independente e abrigou a maior parte dos muçulmanos da região. Além disso, no texto constitucional da Índia, tentou-se acabar com o regime de Castas, o qual, na prática, muito arraigado à cultura hindu, continua sendo seguido por boa parte da população, embora haja sua condenação por parte do Estado. Vê-se, assim, que os traços e elementos culturais, vigentes por milênios, não seriam e não serão tão facilmente substituídos ou abandonados, exatamente por sua condição hegemônica no comportamento e nos costumes que estão vinculados diretamente com a rotina, cultura e religião do povo.

A percepção de que as características culturais do hinduísmo são indispensáveis para criar-se uma visão de mundo e uma alternativa política compatíveis com o país resultou em sincretismos insólitos, inclusive com o marxismo. O líder socialista Jawaharlal Nehru, pessoa bastante próxima de Gandhi, assumira o governo da Índia independente, como primeiro-ministro. Apesar da proximidade entre Nehru e Gandhi, o primeiro se orientava por um socialismo pragmático, enquanto o segundo aliava métodos inovadores de resistência somados às atitudes tradicionalistas oriundas da cultura hindu. Nehru, posteriormente, foi sucedido por sua filha Indira Gandhi (sem parentesco com Mahatma Gandhi), seguida pelo filho mais novo de Indira, Rajiv Gandhi. Os dois últimos e Mahatma Gandhi foram assassinados por diferentes extremistas que lutavam por posições mais radicais nos conflitos políticos e religiosos. Representativa destas violências extremistas, a região da Caxemira tem sido o palco de conflitos violentos entre Índia e Paquistão. Desde a independência já houve três guerras declaradas entre os países.

Além disso, internamente, a Índia sofre com divisões dentro da sociedade civil, em que se registram conflitos violentos entre diferentes facções políticas e religiosas, inclusive envolvendo não raramente grupos islâmicos radicais. Dentro do hinduísmo também não há um consenso pacificador. As diferentes correntes defendem desde a religião ortodoxa, baseada nos ensinamentos dos Vedas, com as castas rigidamente respeitadas, até a idéia de que o hinduísmo não seria uma religião, mas um estilo de vida, ou mesmo aqueles que defendem um “hinduísmo secular”, alijado da religião, atuante no âmbito político (como é o caso do sincretismo com o marxismo).

Na primeira metade do século XX houve várias iniciativas de restauração do

hinduísmo, pautadas na tentativa de conciliação com outras religiões, como o islamismo e o cristianismo. Na época da resistência contra o domínio britânico e nas lutas pela independência, essas iniciativas não eram bem vistas por alguns que desejavam o levante armado contra os ingleses. O hinduísmo “politizado” ou “secular”, como ficou conhecido, procurou desvincular o hinduísmo do caráter religioso e reelaborá-lo sobre bases éticas e nacionalistas. Vinayak Damodar Savarkar (1883-1966), líder revolucionário que se assumia ateu, foi o expoente desta corrente de pensamento. Foram dois de seus discípulos mais próximos que assassinaram Mahatma Gandhi.

Esse “hinduísmo secular” fora bastante impactante na Índia, especialmente na vida pública, na época da resistência contra o domínio britânico e imediatamente após a independência. Porém, assiste-se nos últimos cinquenta anos, dentro e fora da Índia, a um interesse cada vez maior pelo caráter espiritual do “hinduísmo religioso”, mais próximo do misticismo e de sua cultura ancestral, desenvolvida nos primeiros milênios de sua história.

Em termos econômicos, desde o final dos anos 80, a Índia figura entre as consideradas “nações emergentes”. Destaca-se sua produção de hardware e software, campo comercial que mais tem crescido desde a década de 70. Impressiona também a sua indústria cinematográfica: na Índia são produzidos cerca de 800 filmes por ano, fatia do mercado que tem interessado os produtores do cinema mundial, especialmente o milionário cinema hollywoodiano. Curiosamente, os filmes indianos são bastante populares no Paquistão, apesar de proibidos, o que não impede de serem captados na TV a Cabo. A Índia hoje é conhecida também como uma potência nuclear. O programa nuclear é creditado à iniciativa de Indira Gandhi, ainda na década de 70. Na década de 90 foram feitos novos testes, o que despertou a atenção internacional, com expectativas temerosas de que fossem utilizados arsenais nucleares contra o vizinho Paquistão, o qual desenvolvia também um programa nuclear, teoricamente justificado para fins pacíficos.

Entre figuras caricatas, história pouco conhecida e cultura distante do entendimento ocidental, a Índia permanece ainda uma espécie de alegoria, apropriada pela cultura de massas, seja através do cinema ou da televisão. Todavia, ainda que desconhecida, a história da Índia não fica à margem de processos bastante conhecidos entre nós e muito difundidos na história ocidental, especialmente na chamada História Contemporânea. É o caso do Imperialismo (domínio do Império Britânico sobre a Índia, desde meados do século XIX até meados do século XX) e da Guerra Fria (não-alinhamento, mas acordo de amizade com a União Soviética; ao passo que o Paquistão recebia apoio norte-americano). Recentemente, em

tempos de neoliberalismo e globalização, é época de maior penetração da cultura ocidental na Índia, embora haja resistências das mais diversas formas. Um sintoma bastante evidente é a tendência homogeneizadora das apropriações que de suas peculiaridades histórico-culturais são feitas. Essa tendência é o foco que procuraremos atentar neste mural do OMC.

## O Hinduísmo

*Karen Loraine Kraulich*<sup>12</sup>

*Karen Renata Capelesso*<sup>13</sup>

A religião e a cultura que vêm sendo apresentadas na Rede Globo, por intermédio da novela *Caminho das Índias*, estão representadas quase que exclusivamente através do hinduísmo; trata-se de ritos e tradições milenares que permanecem fortes na sociedade indiana até os dias de hoje.

O que a novela nos mostra é como a religião hindu é seguida pelos indianos, supostamente sem contestações, com uma devoção quase que absoluta. Fala das cores, dos ensinamentos e do culto aos deuses, das danças, dos livros sagrados. Mostra a riqueza das famílias e como as suas crenças estão presentes de modo muito forte em seu dia-a-dia: não são permitidos de forma alguma casamentos entre hindus e pessoas de outras religiões, as orações, rituais são cultuados exatamente como mandam as escrituras sagradas, os Vedas. Vemos a mente dos indianos voltada exclusivamente para sua fé, sua religião como modo de vida. Eles recusam-se até a saírem de suas casas sem se purificarem se encontram alguém ou algo que, segundo as escrituras, não é “auspicioso”, ou seja, não lhes trará sorte em alguma coisa, como família, negócios ou no dia que terão dali pra frente.

Um ponto importante tratado na novela é a questão das castas, um sistema que surgiu na Índia há cerca de 2600 anos. Segundo as escrituras sagradas, havia o deus Brahma que teve quatro filhos: os brâmanes, saídos dos seus lábios, que são os sacerdotes, os privilegiados. Dos braços de Brahma surgiram os xátrias, os guerreiros. Os vácias saíram de suas pernas, são os comerciantes, lavradores e artesãos e, por fim, os sudras, originados dos seus pés, que são os servos e escravos. Os párias, ou *dalits* não pertencem a nenhuma destas, são considerados impuros por terem violado o código de suas castas. Por essa razão, teriam sido expulsos e levaram consigo todos os seus descendentes passados e futuros e, assim, ninguém pode tocar neles. Para os intocáveis, são destinados os trabalhos mais desprezíveis, como recolher lixo e enterrar cadáveres. Discriminados, ficam postos de lado pela sociedade.

---

12 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE

13 Discente do 4º ano do curso de História da UNIOESTE

O que a Rede Globo traz então dessa cultura e religião? Cria uma história em que um sacerdote, um brâmane adota um *dalit* ainda criança, o que já iria contra todas as tradições do hinduísmo, e quando este se torna adulto relaciona-se com uma mulher de casta, o que torna a história dos dois uma espécie de *A Dama e o Vagabundo* ou *A Bela e a Fera*, em que, por motivo de sua origem, o intocável é visto como inferior à mulher e não pode viver o amor que tanto deseja. Embora tenha como objeto a cultura oriental, serve-se de histórias e enredos muito próximos das narrativas romanciadas das histórias ocidentais.

O que *Caminho das Índias* não nos mostra é que na Índia o hinduísmo embora seja predominante, 80% da população, não é a única religião existente no país. Existem outras culturas, outras crenças, como o islamismo e o cristianismo, por exemplo. E, hoje, o governo indiano conta com uma constituição promulgada em 1949 que assegura aos cidadãos justiça, liberdade, igualdade e fraternidade. Não é permitido discriminar um cidadão na Índia pela sua casta, sua religião, seus antepassados, gênero ou lugar em que nasceu. A prática de considerar pessoas intocáveis é vetada perante a lei, bem como o uso de locais públicos, pertencentes ao Estado, são permitidos a todos. É proibido, ainda, o trabalho forçado e o trabalho de crianças abaixo de 14 anos, principalmente em lugares nocivos como minas e fábricas. As mulheres conquistaram um espaço que não lhes era permitido no passado, de modo que no ano passado, Pratibha Patil tornou-se a primeira mulher presidente do país. Antes dela, Indira Gandhi já havia sido Primeira-Ministra do país, inclusive exercendo o poder com “mãos-de-ferro”, na ditadura que o país vivenciou entre as décadas de 70 e 80.

O hinduísmo é uma religião milenar, politeísta, cultua cerca de 240 mil deuses, sua cultura muito rica ultrapassou as barreiras do tempo e segue viva até hoje. Não cabe a nós pensar nos hindus como os diferentes, ou julgar suas crenças, afinal fé não é de forma alguma algo concreto e, neste ponto, não sabemos o que é certo e errado. É importante termos conhecimento das diferentes religiões que nos cercam, porém é preciso ir além daquilo que nos é posto como verdade única. Ao vermos as situações tratadas na novela *Caminho das Índias* precisamos pensar nas coisas que vão além daquilo que nos é mostrado no horário nobre. É preciso saber mais sobre tudo o que nos é apresentado pela grande mídia, especialmente para que não nos tornemos apenas telespectadores e sim questionadores das informações que recebemos através da televisão. Todas as informações devem ser postas à prova e à crítica, não apenas as da novela como as dos principais veículos de informação e notícia, como telejornais, jornais e revistas, além dos programas televisivos diários de todos os canais.

## **Caminhos e Descaminhos das Índias**

*Alexandre Arienti Ramos<sup>14</sup>*

*Guilherme Dotti Grandó<sup>15</sup>*

*Marcos da Silva de Oliveira<sup>16</sup>*

China e Índia, além de serem civilizações milenares, têm em comum uma gigantesca população. Juntas somam hoje mais de um terço da população mundial tendo respectivamente 1,3 e 1,1 bilhões de habitantes. Mantidas as atuais taxas de crescimento até 2035 somarão mais de 3 bilhões de pessoas (FIORI, 2007). Populações tão grandes geram um excedente de mão-de-obra que, aliado a legislações permissivas, promove uma exploração desmedida aos trabalhadores. Esta mão-de-obra barata, associada à necessidade desses países de investimentos massivos em infra-estrutura, constitui um campo fértil para as multinacionais e investidores estrangeiros. É tal cenário que tornou possível as elevadas taxas de crescimento de aproximadamente 9% na China e 8% na Índia (*Idem*), mas às custas de uma crescente exploração dos trabalhadores, muitos dos quais em regime de semi-escravidão, inclusive da mão-de-obra infantil.

Este crescimento necessita de amplos recursos energéticos, como o petróleo, e de matérias-primas. O acesso às regiões produtoras, principalmente na África e Oriente Médio, tem sido causa de disputas entre China e Índia, além de ameaçar interesses estratégicos dos Estados Unidos (*Ibidem*).

A potência norte-americana enfrenta hoje pressões internas contrárias aos altos gastos com a defesa. Em seu curto período no poder, até o momento, o presidente Obama já tem enfrentado essas pressões internas, as quais dificultam seu planejamento militar (O ESTADÃO, 2009). Os recursos, financeiros e políticos, dispensados com os conflitos do Iraque e do Afeganistão, assim como o declínio do prestígio Norte-Americano, herança do governo Bush, dificultam a projeção de liderança dos EUA (CASANOVA, 2005). Em resposta a este cenário o presidente Obama tem buscado respaldo nas lideranças regionais

---

14 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE

15 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE

16 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE



alinhadas com sua política. Países como Brasil, África do Sul e Índia são, nesta conjuntura, aliados estratégicos em regiões de potenciais conflitos. Tal discurso é bem presente já no final do governo Bush no texto *National Defense Strategy* de junho de 2008.

Como resposta às políticas agressivas da China, os EUA apóiam uma Índia forte o bastante para frear o dragão Chinês e fraca o bastante para possibilitar o acesso dos Estados Unidos à regiões estratégicas como, Oceano Índico, sudeste asiático, e leste do Oriente médio. Além, é claro, do livre e “desregrado” investimento estrangeiro na própria Índia, centro de mão-de-obra barata e potencial mercado consumidor para os próximos anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Aventuras na História*, edição 66, Editora Abril, janeiro de 2009.

CASANOVA, Pablo González; *Impérios e Imperialismos, O Imperialismo, Hoje*; Tempo “Revista do Departamento de História da UFF” Nº 18 Vol. 9 - Jan. 2005

FIORI, José Luís; *A Nova Geopolítica das Nações e o Lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul*. In: Oikos - Revista de Economia Heterodoxa, Vol. 1, No 8 (2007)

Gandhi (o filme), Direção de Richard Attenborough, Columbia Pictures, 1982.

GATES, Robert; 2008. *2008 National Defense Strategy*; Departamento de Defesa do Governo dos Estados Unidos da América. (download em <http://www.defenselink.mil/pubs/2008NationalDefenseStrategy.pdf> ) Acessado em 10/12/2008

Governo do EUA quer ampliar orçamento para defesa, Plano apresentado por secretario da Defesa prevê reforma em gastos militares.  
[www.estadao.com.br/noticias/internacional.governo-dos-eua-quer-ampliar-orcamento-para-defesa.350972.0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/internacional.governo-dos-eua-quer-ampliar-orcamento-para-defesa.350972.0.htm). acessado em 17/04/09.

*História Viva*, Grandes Religiões – Hinduísmo, nº 5, Duetto Editorial, s.d.

<http://jus2uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=10831>

Luiz Fernando Araújo, *A telenovela e o processo pedagógico* [PDF]2003

*O Presente*, 25/03/2009, ano 17, n. 2559.

Paloma Nogueira “Artigo Cultura de massa e a telenovela brasileira”2005

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Silvia Helena Simões Borelli Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em ciências Sociais Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)*Telenovela - História e Produção Editora Brasiliense*, SP 1989.

## NEOCONS<sup>17</sup>

### Ascensão do Neoconservadorismo

*Prof. Ms.. Fábio Ruela de Oliveira<sup>18</sup>*

*A história nada mais é do que uma constante indagação dos tempos passados em nome dos problemas e curiosidades – ou mesmo das inquietações e das angústias – do tempo presente que nos cerca e assedia. (BRAUDEL, 1988).*

Assim como Fernand Braudel o eminente historiador Eric Hobsbawm também chama a atenção para a importância do presente no trabalho com a história. Na introdução do seu *Era dos Extremos*, destaca que “o ofício do historiador é lembrar o que outros esquecem”, salientando assim o papel do historiador na atualidade, principalmente porque em nosso tempo atual “os jovens crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.” (HOBSBAWM, 1995, p.13). Considerando tais apontamentos notamos então que é a observação atenta do presente que conduz o historiador a pinçar lembranças de passados próximos e distantes, refletindo em que medida estes tendem a se repetir, porém com formas distintas, mais brandos ou intensos, como tragédias ou farsas.

Este mural do *Observatório do Mundo Contemporâneo* propõe esse exercício na observação das investidas conservadoras nos dias de hoje. Na leitura dos principais jornais e revistas destes últimos anos, especialmente dos últimos dias, mesmo que seja uma leitura superficial, notaremos sem dificuldades a ocorrência de alguns fenômenos e eventos que nos lembram um passado próximo, de intolerância, repressão e xenofobia.

Primeiro nota-se o clima policial que vem crescendo nos últimos tempos. O badalado filme *Tropa de Elite* (2007) polarizou grupos e opiniões que apostam no programa de

---

17 Mural produzido em junho/2009. Coordenação: Fábio Ruela de Oliveira, Maria José Catelano. Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Karen Loraine Kraulich, Karen, Renata Capelesso, Marcos da Silva de Oliveira.

18 Docente do curso de História da UNIOESTE

“tolerância zero” personificado na figura do Capitão Nascimento. Outra manifestação explícita da atmosfera repressiva foi o caso USP, com a permanência da Polícia Militar na Universidade de São Paulo e a dispersão violenta dos manifestantes, estudantes, funcionários e professores daquela universidade, a mando da reitora Suely e do governador Serra, nos meses de maio e junho. A última vez que tal enfrentamento se deu foi em 1968, quando a ditadura civil-militar brasileira entrava na sua fase mais violenta e sombria.

Outras manifestações no plano internacional são as ações permanentes de opressão bélica aos palestinos, aos afegãos e aos iraquianos, operadas por israelenses e estadunidenses. Na Rússia de Putin e Medvedev “multiplicam-se os grupos que pregam o expansionismo sob um regime ultranacionalista ou neofascista” (*Carta Capital*, nº. 547, p.78-81). Em todo o globo a crise financeira mundial desencadeia uma onda de desemprego em grande escala, cujas conseqüências sociais são imprevisíveis. As principais potências européias como França, Itália e Espanha reeditam políticas de xenofobia com apoio de amplos setores de suas populações, tanto que há uma tendência de ampliação das cadeiras de centro-direita no Parlamento Europeu. Completando tal cenário, temos o radicalismo conservador do atual Papa Joseph Ratzinger, o Bento XVI, que nos anos 1940 foi membro da juventude hitlerista e na estrutura da Igreja foi líder da “Congregação para a Doutrina da Fé”, ou a antiga Inquisição. Além de intensificar o conservadorismo característico desta instituição religiosa, Ratzinger reabilitou bispos lefebvrianos que negam a ocorrência do holocausto judeu.

Na América Latina podemos citar dois casos de guinada conservadora: a Bolívia, cujo governo de Evo Morales (primeiro índio eleito como Chefe de Estado) foi desestabilizado e quase derrubado por setores da elite econômica da província de Santa Cruz. No Peru, enquanto escrevemos estas linhas, o governo de Alan Garcia empreende uma ofensiva policial contra os manifestantes indígenas peruanos que se organizavam contra as políticas de privatização dos recursos naturais daquele país.

Para finalizar, não podemos esquecer a polêmica do editorial da *Folha de São Paulo*, de fevereiro deste ano, que referiu-se ao período de ditadura como “ditabranda” e reacendeu os ânimos de revisionistas e neocons, como o do historiador da UFSCAR/SP Marco Antonio Villa. No artigo intitulado “Ditadura à Brasileira”, neste mesmo jornal no dia 05/03/2009, Villa simplesmente nega a história recente do país, ao minimizar os efeitos da ditadura brasileira em comparação com outras ditaduras latino-americanas. E ainda afirma que as características da ditadura brasileira são independentes do processo da Guerra Fria.

Devemos ficar atentos com essa mobilização conservadora e lembrar que em outros

momentos de crise econômica foram os conservadores e suas análises equivocadas que nos conduziram a catástrofes e atrasos na construção de uma democracia ampla. Aqueles preocupados com a radicalização da direita conservadora devem se reorganizar e se contrapor ao seu avanço.

## **A crise destrutiva do capital e os limites da socialdemocracia**

*Profa. Ms. Maria José Castelano<sup>19</sup>*

Nosso propósito é apresentar alguns dos mecanismos e estratégias de poder utilizadas pelo Estado e pelas classes dominantes para combater a crise do capital que, segundo a mídia, parece dar sinais de recuperação. Para iniciarmos a discussão, é necessário responder a seguinte indagação - qual o custo social do apaziguamento da atual crise do sistema financeiro?

A crise do capitalismo mundial exemplifica, de forma dramática, o fracasso do livre mercado global, que resultou em depressão econômica nos Estados Unidos, obrigando governos, inclusive o norte americano, à intervenção estatal.

Qual o papel do Estado diante da crise? A última crise já queimou cerca de US\$ 4 trilhões transferidos dos cofres públicos para o sistema financeiro. Até o momento somente os interesses das grandes corporações têm sido atendidos, contrariando o lema “Put the people first” proclamado pelas manifestações recentes que expressam a indignação de crescentes parcelas da sociedade com as políticas de penalização das maiorias.

Os pacotes de resgate do sistema financeiro foram concebidos no FMI, em articulação com o G8. O absurdo é que de acordo com Samir Amin (CACCIA BAVA, 2009), as medidas para salvar essas instituições financeiras foram concebidas por elas mesmas, que controlam a maioria dos recursos públicos destinados a socorrê-las. E mesmo tendo sido essas empresas as principais responsáveis pelas múltiplas e simultâneas crises que assolam o planeta, em todas as recomendações de como enfrentar essa situação não há uma palavra no sentido de limitar suas ações ou controlá-las a partir do interesse comum.

Há cerca de 500 grandes corporações globais que respondem em conjunto por grande parte da produção mundial – e que controlam o planeta – se reduzem em número, e as maiores dentre elas aumentam seu poder. Nesse conjunto se destacam 66 *institutional Investors*, que gerem 75% das movimentações especulativas planetárias. (CACCIA BAVA, 2009, p.9)

---

<sup>19</sup> Docente do curso de História da UNIOESTE

As consequências dessa concentração de riqueza e poder podem ser avaliadas pela situação de extrema pobreza de cerca de 3 bilhões de pessoas com insuficiência ou sem renda para ter acesso aos produtos alimentícios, moradia e à água potável.

Os limites históricos do capitalismo estão contidos nas relações de produção baseadas na propriedade privada dos meios de produção e na valorização do capital. Portanto, a produção não é para a maioria da sociedade, mas para a valorização e acumulação do capital, sendo que “[...] a conservação e a valorização do capital – valor repousam sobre a expropriação e o empobrecimento dos produtores”. (MARX, 1985)

Segundo ainda análise do pensador alemão do século XIX, o modo de produção capitalista levaria o mundo a uma economia globalizada e este processo geraria conflitos violentos, crises econômicas e injustiça social de ordem generalizada. Só para mencionarmos os fatos mais recentes, na última década, experimentamos e vivenciamos a crise financeira do leste asiático, que começou no verão de 1997; a crise econômica Argentina de 1999-2002 e, sobretudo, a crise dos empréstimos hipotecários que começou nos Estados Unidos em 2006 e agora tornou-se a maior crise financeira do pós-guerra.

Esse conjunto de informações vem ao encontro do que queremos afirmar: as crises do capitalismo são inerentes ao sistema e demonstram suas contradições. Portanto, a superação da crise recém instaurada, ou seja, da lógica do capital, só pode pautar-se na contestação das premissas liberais nas quais o mercado é o mecanismo ideal de regulamentação da economia e da vida social. Ademais, jamais se poderia obter justiça social sem uma política econômica eficaz voltada a uma melhor distribuição da riqueza na sociedade.

Além das questões elencadas, preocupa-nos o fortalecimento da articulação de movimentos de extrema-direita, somadas à fragilidade do pensamento de esquerda. Não estamos falando do fim de uma perspectiva de esquerda, mas de sua submissão ao discurso uníssono burguês da socialdemocracia. Segundo artigo recente de CACCIA BAVA (2009) há em curso um movimento importante por parte do grande capital, que preocupado em substituir o ideário neoliberal, se antecipa às previsíveis comoções políticas e busca legitimar a globalização e o crescimento como objetivo e propõe o alargamento da social democracia, com discurso de dar maior atenção à pobreza e às políticas sociais. Compreendemos que as saídas propostas pela socialdemocracia global, liberdade do mercado e democracia formal, a partir de uma reelaboração d’A Declaração Universal dos Direitos da Cidadania é um novo modelo de legitimação política do capitalismo atual.

Torna-se necessário trazer à memória situações ocorridas no cenário político-alemão no pós Primeira Guerra Mundial, com a formação de partidos ultranacionalistas, radicalmente contrários ao socialismo, em que um desses partidos chamava-se Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista) liderado por Hitler. Em 1932, havia na Alemanha mais de 6 milhões de desempregados. Com o agravamento da crise, os milhões de desempregados, bem como muitos integrantes dos grupos dominantes, passaram a acreditar nas promessas de Hitler de transformar a Alemanha num país rico e poderoso. Assim, nas eleições parlamentares de 1932, o Partido Nazista conseguiu obter 38% dos votos (230 deputados), mais do que qualquer outro partido. Em 1934, o Führer lançou mão de uma propaganda sedutora e do uso da violência policial (SS -tropas de elite e SA -tropas de choque) e da Gestapo (polícia secreta de Estado) para prender, torturar e eliminar os inimigos do nazismo, inclusive, socialistas e comunistas.



## Repressão aos Movimentos Sociais

*Guilherme Dotti Grando<sup>20</sup>*

*Marcos da Silva de Oliveira<sup>21</sup>*

A repressão aos movimentos sociais tem ganhado destaque nos meios de comunicação, nas medidas em que governos com caráter autoritários têm seus interesses contrapostos por movimentos sociais (a exemplo do Movimento Sem Terra, Organizações Ambientais, Associações Indígenas, grupos separatistas, entre outros). Os governos utilizam-se da força para oprimir manifestações sociais que estejam em conflitos com seus pressupostos “Políticos e Ideológicos”.

No Peru, o conflito entre Governo e manifestantes indígenas é evidente. O presidente Alan García adota uma política Neo Liberal através de tratados de livre comércio (TLC), incentivando multinacionais e grandes empresas a investirem no País. Essa política Neo Liberal encontra resistência dos grupos ambientalistas e indígenas que protestam contra o decreto baixado por García em 27 de junho de 2008, visando facilitar a entrada de companhias petrolíferas nas terras indígenas e a venda de blocos da selva Amazônica. No dia 9 de abril Associações de indígenas amazônicos, representando mais de 350 mil índios tomaram trechos de estrada, oleodutos e gasodutos, criando desabastecimento e falta de energia em cidades da Amazônia Peruana e prejuízos diários de 120 mil dólares a PetroPerú. O governo reagiu com um cerco a 2 mil indígenas que bloqueavam uma estrada, policiais e militares fortemente armados que avançavam sobre os manifestantes utilizando metralhadoras e bombas de gás. A polícia divulgou 25 policiais mortos, 5 civis e 4 indígenas, mas os nativos estimam 25 mortos e 50 desaparecidos.

Recentemente a USP foi palco de um episódio onde manifestantes que exigiam a renúncia da Reitora Suely Vilela, foram reprimidos por policiais militares usando gás lacrimogêneo e rasante de helicóptero. Como a reitora não se manifestou sobre a ação da PM, o Governo do Estado de São Paulo, José Serra declarou que “a polícia não cometeu nenhum exagero e obedeceu a uma ordem Judicial”. Esse posicionamento de caráter repressivo do

---

20 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

21 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

governo paulista não é novo, considerando que em 2007, na invasão da reitoria da USP por estudantes, a reitora recebeu críticas de integrantes do governo Serra (PSDB), por não ter permitido a entrada de policiais no prédio. À época o Ministro da Casa Civil, Aloysio Nunes Ferreira, afirmou que “a reitora (...) não tomou as medidas que deveria ter tomado”.

A Europa também é palco de desfechos parecidos, poderíamos citar a Rússia, onde o Governo Putin tenta restaurar pela força bruta a “Ordem” e a “Democracia”, reprimindo movimentos separatistas, Putin tenta passar a imagem de uma Rússia estável que volta a se colocar como potência mundial.

Este tipo de repressão aos movimentos sociais traz à tona opiniões e atitudes autoritárias de governos que se dizem defensores da democracia, mas que têm dificuldade, ou não têm interesse em dialogar com outros posicionamentos que não estejam de acordo com as suas prioridades. A repressão mostra a intenção de se construir discursos de caráter oficial que escondem as contradições dentro dos países e dos governos.

## **Movimentos Conservadores Hoje**

*Alexandre Arienti Ramos<sup>22</sup>*

Crise econômica gerando desemprego em massa, diminuição do poder de compra da população, quebra da bolsa e em resposta, ascensão de regimes totalitários e o fortalecimento de movimentos de extrema direita pelo mundo. Parece que estamos falando daquilo que ficou conhecido como grande depressão de 1929, mas não estamos. Falamos daquela que daqui a alguns anos poderá ser chamada a grande depressão de 2009. Passados 80 anos de 29 o mundo volta a viver uma grande crise econômica cuja extensão ainda é desconhecida.

Assim como em 29, a situação de desemprego, miséria e desigualdade social hoje tende a produzir gigantescas forças sociais. Estas forças podem traduzir-se em movimentos que proponham alternativas que visem à transformação da sociedade. Mas também podem, assim como na Alemanha nazista, desenvolver-se em movimentos nacionalistas de caráter nazi-fascista. Depois da segunda grande guerra tornaram-se conhecidas algumas das atrocidades cometidas pelo regime nazista e implantou-se no mundo um movimento de desnazificação. Entretanto, esta tentativa de desnazificar o mundo não foi de todo completa. Manteve latentes os ânimos e possibilitou que movimentos neo-nazistas continuassem a agir clandestinamente. Num momento de crise a ideologia neo-nazista encontra um campo fértil pra se desenvolver e agir em movimentos abertos ao invés de clandestinos. Mas o que temos nós brasileiros a ver com isso? Existem movimentos neo-nazistas no Brasil?

Quem leu a matéria de 20 de Maio de 2009 na revista ISTOÉ, que se intitulava Os Nazistas Brasileiros, perceberá que existem movimentos neo-nazistas no Brasil mais organizados do que imaginamos. A revista aponta um grupo que pretendia fundar um novo país, chamado Neuland “nova terra”, abarcando São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Apesar de parecer obra de ficção era uma proposta real. Possuíam um jornal on-line e contavam com apoio de empresários internacionais que lhes forneciam armas e dinheiro, sua diretoria era basicamente de membros da classe média alta. Em disputa pela liderança do movimento ocorreram dois assassinatos, sendo presos quatro envolvidos. Somente em decorrência destes assassinatos pode o movimento ser desmascarado.

---

22 Discente do 2º do curso de História da UNIOESTE .

Tendemos a reduzir o movimento neo-nazista apenas aos skinheads, e o movimento skinheads apenas a neonazistas. Com isso nos afastamos da realidade. Primeiramente, existem skinheads que não seguem a ideologia neo-nazista, baseando-se muito mais nos movimentos operários ingleses das décadas de 60 e 70. Em segundo lugar, nem sempre aqueles que professam a doutrina neo-nazista estão de acordo com o estereótipo internalizado pela maioria, cabeça raspada e calça com suspensório, o skinhead.

Mais preocupante do que os grupos cheios de intolerância que atacam pessoas indefesas, motivados pelo racismo ou preconceitos, mas sem ter idéia de um objetivo claro ou sem conhecer a fundo a ideologia que afirmam professar, são aqueles que pensam um projeto maior. Podemos afirmar, sem ser alarmistas, existem grupos intitulados Nacionais Socialistas que possuem planos claros de dominar o mundo. Estes grupos são, a exemplo do caso citado, grandes e organizados, possuem armas e seguem os ideais daquele que lhes é fonte de inspiração, Adolf Hitler.

O movimento Nacional Socialista possui muito material difundido na internet. Conteúdo de páginas que por lei não podem ser acessadas e textos que não podem ser lidos são facilmente encontrados na rede. Para preparar este texto foram realizadas pesquisas nestes sites proibidos e as conclusões são preocupantes. Entre as propostas encontram-se coisas como formar um país no sul do Brasil somente com os Arianos, deportar todos os mestiços, negros e asiáticos e formar no norte um outro país somente com indígenas. Enquanto que para estes grupos os Judeus devem ser tratados do “modo apropriado” sem esclarecer melhor o que seria isso.

Se este mural trata do fortalecimento dos movimentos conservadores num momento de crise, por que falamos de neonazistas, nacionais socialistas e skinheads? Simples, são em momentos como este que movimentos sociais correm o grande risco de serem cooptados por doutrinas fascistas. Trabalhadores em situação de miséria são induzidos a encontrar razões equivocadas para os males que os afligem. Podem procurar não nas “perfeitas” leis de mercado, na acumulação e especulação da riqueza, mas sim no seu vizinho, no imigrante, ou no estrangeiro o culpado. Se estes trabalhadores engrossarem movimentos de caráter neonazista poderão ser utilizados como massa de manobra pelas cabeças pensantes de movimentos como nacional socialismo. Grupos com planos absurdos e mirabolantes podem encontrar seguidores entre aqueles que são os mais prejudicados pela crise.

## Xenofobia

*Karen Loraine Kraulich*<sup>23</sup>

*Karen Renata Capelesso*<sup>24</sup>

“*Aversão às pessoas e coisas estrangeiras*”, este é o conceito de xenofobia por definição. É o que vem acontecendo em países do mundo todo há muito tempo e que atualmente se tornou um problema sério, que precisa ser discutido, e rápido!

Podemos acompanhar nos mais diversos meios de comunicação a situação em que os países europeus se encontram; imigrantes chegando de todas as partes do mundo à procura de emprego, de melhores condições de vida, à

medida que a crise financeira leva a falência grandes empresas por todo o globo, resultando no aumento do desemprego o que torna os estrangeiros antes recebidos por esses países como trabalhadores em busca de melhor condição de vida, inimigos que podem roubar os empregos dos nativos. E é exatamente a partir de situações como essa que a xenofobia se torna cada vez mais forte.

Com o agravamento desse preconceito devido à crise econômica, a situação vem ficando mais complicada. Já existem projetos de lei como na Itália onde o Parlamento propõe a criminalização da imigração ilegal no país. Em Portugal as cotas de imigração foram reduzidas segundo o ministro Vieira Silva, como uma saída para os problemas da crise econômica, o que certamente não vai de fato diminuir a imigração em território português, e sim aumentar as entradas ilegais no país. A União Europeia com o chamado “pacto sobre imigração” determina que os imigrantes ilegais serão expulsos, o controle das fronteiras será “melhorado” e os países de origem dos estrangeiros estão proibidos de promover a regularização em massa dos seus imigrantes.

O governo italiano de Berlusconi aumentou para seis meses o tempo de detenção dos “irregulares” e incentiva a própria população civil a formar patrulhas para vigiar a cidade e encontrar os estrangeiros, numa espécie de “caça às bruxas”. Já na Espanha, o governo de

---

23 Discente do 2º do curso de História da UNIOESTE.

24 Discente do 4º do curso de História da UNIOESTE.

Zapateiro, não só criminaliza os imigrantes como proíbe os espanhóis de oferecer ajuda ou dar abrigo, com pena de serem responsabilizados criminalmente se não denunciarem estes “indivíduos”.

Mas a xenofobia não atinge apenas a Europa atinge também os Estados Unidos, a terra das “liberdades democráticas” e das “possibilidades” e coração desta crise econômica. Um bom exemplo foi quando a Microsoft anunciou que iria demitir mais de 5000 funcionários devido à crise, e um senador republicano escreve à imprensa pedindo que fossem demitidos primeiro os trabalhadores estrangeiros, alegando que a empresa deveria priorizar os trabalhadores americanos nestes tempos difíceis.

Nesta conjuntura, a mídia vem usando toda a sua influencia no intuito de colocar o imigrante como o responsável pelos problemas de fome, miséria e desemprego causados pela crise econômica. Tirando a culpa da estrutura do sistema capitalista e a colocando no indivíduo.

Um bom exemplo de como a mídia conservadora manipula a situação e se aproveita de conflitos da realidade para ajustar a sua visão de mundo é o modo como a greve dos trabalhadores da refinaria em Lindsey no Reino Unido foi tratada. A mídia apropriou-se desta greve, que a priori reivindicou que não se fechassem os postos de trabalho dos ingleses, mas logo alteraram suas bandeiras ampliando as reivindicações para todos os trabalhadores. A grande imprensa desconsiderou esse fato e apresentou a toda a opinião pública que até os próprios trabalhadores ingleses estariam culpando os imigrantes pelo desemprego, repercutindo assim a xenofobia e influenciando campanhas anti imigração.

Agora um ponto a se pensar: o trabalho dos imigrantes sempre foi mais barato que dos trabalhadores locais. Se a pessoa sai do seu país de origem, vendendo sua mão-de-obra a um preço mais baixo do que o padrão daquele país, aceitando os mais variados tipos de emprego, em geral aqueles que ninguém quer, é porque precisa, e muito! A crise leva os trabalhadores locais a reivindicarem qualquer tipo de emprego, o trabalhador estrangeiro perde seu posto de trabalho, não tem dinheiro suficiente para voltar para seu país, em que situação fica esse trabalhador? Logo começam a surgir a associação entre o imigrante e o marginal.

Hoje você é reprimido por ser negro, homossexual, judeu, muçulmano e estrangeiro. A barbárie da xenofobia já demonstrou historicamente suas faces cruéis, a Alemanha nazista, onde morreram milhões de pessoas acusadas de serem “inferiores” por não serem da raça pura ariana. Temos que romper com o pensamento simplista que é colocado para nós onde um ser é

responsável pela catástrofe do mundo, onde o imigrante é responsável pelo desemprego e pela crise, temos que pensar além e vermos a raiz dos problemas da humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CACCIA BAVA, Sílvio. A crise e as oportunidades. IN: Le Monde Diplomatique, junho, 2009, p.9-11.

MARX, K. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

BRAUDEL, Fernand. *O Espaço e a História no Mediterrâneo*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* (tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

*Folha de São Paulo* – Edições de Fevereiro de 2009 e de 05 de março de 2009.

Revista *Carta Capital* – Edições do primeiro semestre de 2009.

Revista *Carta Capital*. Edições de junho de 2009.

Revista *Carta Capital*. Edições de Maio de 2009.

Revista *Carta Capital*. Edições de dezembro 2008.

*Folha de São Paulo*. Edições de junho de 2009.

Revista *Isto é*. Edições de maio de 2009.

SARTRE, Jean-Paul: *A questão Judaica*. Ática, 1995, São Paulo, SP.

DIAS, A. *Links de Ódio, o racismo, o revisionismo e o nazismo na Internet*. In: Os Urbanitas. São Paulo, v. 04, p. 04, 2006.

[http://www.estadao.com.br/economia/not\\_eco262943\\_0.html](http://www.estadao.com.br/economia/not_eco262943_0.html).

<http://www.protons.com.br/megazine/COLthiago03.html>.

FRUTUOSO, Suzane G. Os Nazistas Brasileiros ISTOÉ. 20/05/2009



## O MAL QUE NOS ASSOLA NÃO É VIRAL, É SOCIAL!<sup>25</sup>

### O mal que nos assola não é viral, é social!

*Gervasio Cezar Junior<sup>26</sup>*

*Profa. Ms. Selma Martins Duarte<sup>27</sup>*

Nos últimos meses a mídia abordou amplamente a pandemia provocada pelo vírus Influenza A (H1N1), que causou alerta e medo na população. Destacamos a relevância de informações sobre a nova gripe, no entanto, lançamos um questionamento: será que o Ministério da Saúde/Estado e a mídia informaram efetivamente a sociedade sobre este surto viral? Neste sentido, o objetivo deste mural, é refletir sobre esta cobertura massiva, propondo analisar o significado do grande enfoque sobre esta doença e os interesses de diferentes grupos por trás desta intensa difusão de informações. Também questionamos a omissão em relação aos demais problemas sociais e de saúde pública, que em muitos casos afetam um maior número de pessoas, e que não são tratados com a devida atenção.

De acordo com o relatório de 2005, da Organização Mundial da Saúde (OMS), são inúmeros os registros de pandemias na história da humanidade, e “as mais bem documentadas foram as de 1918 (H1N1, a gripe espanhola), 1957 (H2N2, a gripe asiática), e 1968 (H3N2, a gripe de Hong Kong)”. Segundo o historiador Mike Davis, a mais recente aparição, da gripe de tipo A, se deu em 1997, nominada “gripe aviária”.

A aparição da Influenza A, em 1997, se deu a partir do vírus H5N1. O surto da gripe aviária gerou um alerta nas autoridades mundiais de saúde, entre elas a OMS. A iniciativa de combate e prevenção da gripe naquele momento gerou debates sobre vacinas e medicamentos que serviriam para o controle desta gripe.

Com a Influenza A (H5N1), muitas empresas farmacêuticas criaram medicamentos para o combate à doença, dentre as empresas mais famosas estava a Roche. É neste momento

<sup>25</sup> Mural produzido em agosto/2009. Coordenação: Gervásio César Júnior, Selma Martins Duarte. Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Fagner Guglielmi Pereira, Juliana Valentini, Karen Loraine Kraulich, Marcos da Silva de Oliveira.

<sup>26</sup> Aluno do Programa de Mestrado em História da UNIOESTE

<sup>27</sup> Docente da Rede Pública Estadual de Ensino.

que a Roche compra a patente dos direitos à fabricação do Tamiflu. A indústria farmacêutica Roche, conseguiu e consegue lucrar milhões com este misterioso remédio, chamado Tamiflu.

Doze anos depois de uma gripe de tipo A assolar o mundo, surge no México o primeiro caso da gripe suína (H1N1), também de tipo A. Antes mesmo do surgimento da nova gripe, algumas autoridades de controle sanitário e enfermidades alertavam para os perigos que existiam de a gripe dos porcos se transformar em gripe humana.

As denúncias feitas pelas agências de enfermidades e sanitárias se davam com base na grande quantidade de medicamentos (antibióticos, antigripais, hormônios, etc.) que são aplicados em varas inteiras de porcos, para a diminuição das mortes entre os animais. A aplicação desses medicamentos, de acordo com essas agências, geraria mutações nesses vírus.

Segundo o mesmo relatório da OMS, citado anteriormente, o risco de uma pandemia assolar a sociedade existe desde 2005, e os Estados e a sociedade deveriam estar preparados para este ímpeto. Porém, no contexto neoliberal em que os Estados Latino-americanos estão inseridos, não há um comprometimento efetivo na promoção de políticas públicas, que viabilizem para a população direitos mínimos de sobrevivência e bem estar social. A saúde pública no Brasil carece de amplos investimentos, que sabemos, não estão nos projetos político-partidários dos governantes que chegam ao poder.

A desigualdade social no país é histórica, e no sistema “democrático” em que vivemos, atendimento médico, dentário, farmacêutico e acesso a equipamentos (óculos, dentaduras, cadeiras de rodas, muletas e etc.) são moeda de troca e barganha entre políticos e eleitores corruptos. Desta forma, a sociedade perpetua um modelo de Estado que não tem compromisso com uma transformação social, que garanta seguridade mínima aos cidadãos, tais como: justiça social, educação e promoção de saúde. Neste sentido, tornou-se conveniente manter um modelo de exploração e favorecimento de uma parcela restrita sobre amplos segmentos da sociedade.

Este modelo de sociedade, voltada ao favorecimento de alguns e a exploração de outros, nos remete a pensar em que medida as políticas públicas de saúde favorecem alguns grupos específicos, como por exemplo, a indústria farmacêutica. Vale ressaltar que o Estado não gera nenhuma política de promoção à saúde<sup>28</sup> em contraposição a postura deste Estado é a de esperar que a sociedade adoça, para depois buscar alternativas de combate às

---

28 Promoção de saúde define-se, tradicionalmente, de maneira bem mais ampla que prevenção, pois refere-se a medidas que “não se dirigem a uma determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem-estar gerais”. (CZERESNIA, 2003, p. 45).

enfermidades. Seria menos oneroso para o Estado promover a saúde, afirmando “as relações entre saúde e condições de vida, [...] a elaboração de políticas públicas intersetoriais, voltadas à melhoria da qualidade de vida das populações [...] incluindo o ambiente em sentido amplo, atravessando a perspectiva local e global, além de incorporar elementos físicos, psicológicos e sociais”. (CZERESNIA, 2003, p. 39 e 40)

Neste caso nos remetemos a pensar novamente a questão da gripe H1N1, em que a empresa Roche, que tem como seu sócio majoritário Donald Rumsfeld, Secretario da Defesa do governo George W. Bush, mentor da guerra contra Iraque, mantém a patente do remédio Tamiflu, principal medicamento no combate a Influenza A. E com isso, tem assegurado a garantia de grande lucratividade para seu conglomerado, e tem no Estado estadunidense seu principal financiador, e difusor da necessidade de compra e consumo deste medicamento, inclusive nos demais países da América. No caso do Brasil, a responsabilidade pela compra do medicamento provém dos recursos públicos, ou seja, somos nós, a sociedade quem paga a conta da compra destes medicamentos.

Ao analisar a relação entre os Estados, as indústrias farmacêuticas e a grande mídia faz-se necessário a seguinte reflexão: por que no caso de uma pandemia “desta proporção” não se promoveu uma quebra da patente, pelo Estado, do Tamiflu, remédio que é considerado tão importante pelas autoridades da área da saúde, no combate ao vírus H1N1? Neste sentido, observa-se a omissão da OMS em relação a este problema. O que gera um questionamento: Este surto viral é tão impactante como foi veiculado pela grande mídia nos últimos meses?

Sabemos que doenças infecto-contagiosas, tais como: cólera, febre amarela, dengue, doença de chagas, malária, e a própria gripe sazonal, atingem milhares de pessoas ao ano, em muitos casos ocasionando óbito. No entanto, estes males praticamente não são mencionados pela grande mídia, e quando são tratados, não recebem o destaque merecido. Outro problema de proporção mundial é a fome, que mata milhares de pessoas por dia, o que não ocorre pela escassez de alimentos, e sim, devido à má distribuição de rendas. E estes temas tão caros à sociedade, não recebem a abordagem que lhes é devida, seja pelos Estados/sociedades, ou pela grande mídia.

Qual o motivo da grande mídia não tratar destas questões e em contrapartida dedicar tanta atenção ao “caso da gripe H1N1”? Parece que a razão encontra-se na baixa lucratividade gerada pelas populações de baixa renda, que não veiculam propagandas, não promovem concessões em benefício destas empresas. Situação análoga observamos com profissionais que tratam da saúde, que em sua maioria não se aperfeiçoam em infectologia e doenças

tropicais, porque o tratamento destas doenças não é atividade lucrativa e não gera *status*.

Neste sentido, o que precisamos não é de uma indústria farmacêutica forte, e nem de uma grande quantidade de medicamentos, prescritos pelos médicos. Também não precisamos de uma grande mídia sensacionalista que visa lucro até mesmo em questões tão sérias como a saúde pública. O que necessitamos é de um Estado que não privilegie o interesse de determinados grupos, e que não relegue aos indivíduos a responsabilidade de tomarem conta de si mesmos, como entes isolados do coletivo. Carecemos de um Estado que promova a saúde e não a doença!

## A Indústria farmacêutica e a Grande Mídia

*Karen Loraine Kraulich*<sup>29</sup>

*Marcos da Silva de Oliveira*<sup>30</sup>

Você já parou para pensar na quantidade de informações que recebe todos os dias a respeito dessa nova pandemia chamada Influenza A (H1N1)? Será que todas as informações passadas pelos mais diversos meios de comunicação são verdadeiras? Após receber este bombardeio de notícias você se sente realmente informado?

Da noite para o dia surgiu uma doença nova, infecto-contagiosa, que tomaria proporções epidêmicas. Os apresentadores de telejornal e jornalistas da imprensa escrita e virtual “transformaram-se” em peritos nos assuntos: “gripe”, contágio, saúde pública e uso de remédios. Agora podemos nos questionar o porquê da saúde pública receber atenção somente na eminência de uma pandemia de gripe como esta, sendo que existem outros problemas relacionados à saúde coletiva no Brasil?

Segundo o jornalista Mauro Santayana, em artigo publicado no Jornal do Brasil, o vírus da nova gripe já havia se propagado muito antes de tomarmos conhecimento através da mídia. Em La Glória no México, onde existe uma criação de porcos das Granjas Carroll, poderosa multinacional no ramo, já havia indícios de uma gripe estranha em dezembro do ano passado, que em março deste ano alastrou-se mais rapidamente. Reclamações foram feitas por parte dos moradores e profissionais da área de saúde e geneticistas, contudo nenhuma medida foi tomada, pois significaria grandes prejuízos à empresa.

Santayana afirma ainda que o surgimento do vírus nesta pequena vila do México deu-se principalmente pelo tratamento dos porcos vacinados preventivamente com antibióticos e antivirais que contém hormônios e geram mutações genéticas. O que os torna resistentes a agentes infecciosos e seus hospedeiros. Mas se pararmos para analisar, tais mutações não ocorrem somente em animais, nós também estamos todos os dias expostos a produtos de todos os tipos: cosméticos, alimentos modificados, agrotóxicos, remédios com as mais variadas funções, a água está cada vez mais poluída com os mais diversos tipos de materiais tóxicos, bem como o ar. O ser humano torna-se desta forma, mais vulnerável a contrair qualquer tipo

---

29 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

30 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

de doença.

Outra questão importante é que para o Estado e as indústrias farmacêuticas torna-se conveniente remediar os males causados pelas doenças que vão crescendo a cada dia, ao invés de fazer uma promoção da saúde pública. Promoção esta, que não se restringe à informação para uma doença em específico e sim para a saúde e o bem estar geral da população. Hoje se fala muito de higiene; limpeza de banheiros públicos, utilização do álcool gel, circulação de ar em locais fechados. Tudo para “prevenir” o contágio da Nova Gripe, contudo não paramos para pensar que essas medidas são necessárias em qualquer circunstância e não apenas em situações de pandemia. Promover e prevenir a saúde é mais importante e eficaz para a sociedade do que tentar remediar mais tarde situações como as que vivemos hoje, muitas vezes geradas pela falta de recursos como: saneamento básico, alimentação adequada e moradia.

Para o Estado e as indústrias farmacêuticas, o grande problema em se fazer esta promoção e prevenção da saúde pública é questão de conveniência. Ora, informar a população sobre melhoria no modo de vida resultaria ao Estado uma população ciente das mudanças que precisam ser feitas nos mais variados setores: educação, campanhas de conscientização, infraestrutura. Ou seja, gastos maiores aos cofres públicos. As indústrias farmacêuticas também perderiam com toda essa informação, pois à medida que ouvimos falar em doença, logo pensamos em remédios, se o termo for substituído por saúde, qualidade de vida, os medicamentos não se tornam tão necessários assim.

A mídia nas suas mais variadas formas: televisão, jornal, revistas, internet, exerce um poder muito grande perante toda sociedade. E é exatamente deste poder de levar informações a qualquer lugar do mundo, que as grandes empresas farmacêuticas e o Estado se beneficiam. O fato de a imprensa divulgar a palavra *doença* de modo alarmante, como fez recentemente, gerou lucros exorbitantes as indústrias farmacêuticas, principalmente a *Roche*, empresa norte americana detentora dos direitos privados do Tamiflu, que seria, segundo a mídia, o único medicamento hoje, eficiente contra o vírus da Nova Gripe.

O surgimento deste novo vírus H1N1 é uma situação séria, e precisa ser tratada como tal, contudo, o turbilhão de notícias que a Grande Mídia expôs a nós, nos últimos meses, merece reflexão. Além do lucro das indústrias farmacêuticas, outro fator influencia muito na divulgação de como se prevenir a Nova Gripe e as formas de contágio: o vírus atinge todas as camadas da sociedade, não afeta só as classes baixas, mas também as mais abastadas, e isso faz com que o problema se torne tão divulgado. Outras doenças, as chamadas “doenças de

pobre”, existem e não recebem praticamente nenhum tipo de atenção da mídia. Isso nos leva a crer que a questão da saúde pública no mundo está mais voltada aos interesses do Estado, das grandes empresas farmacêuticas, e da imprensa, do que a realmente informar e melhorar a vida das pessoas afetadas.

## **Pobreza: a Pandemia de uma Era**

*Alexandre Arienti Ramos<sup>31</sup>*

*Guilherme Dotti Grandó<sup>32</sup>*

Com a apresentação da “nova estrela” das doenças globais, a gripe suína, os holofotes não se voltam para as áreas da saúde pública que realmente importam. Do dia para a noite os apresentadores de telejornais tornam-se grandes conhecedores do assunto, passam a fazer o valioso serviço de (des)informação da população. Age-se como se a gripe fosse a única doença a afligir a humanidade, e como se a única atitude possível ao governo fosse a prevenção do contágio e o tratamento dos doentes.

Dois conceitos caros à área da saúde são o de prevenção e promoção da saúde. O conceito de prevenção parte da perspectiva de que as doenças fazem parte da existência humana, assim a atitude a ser tomada pelos órgãos de saúde é a de prevenir o contágio, diminuindo assim o número de doentes. A idéia de promoção da saúde é muito mais abrangente. Sob essa perspectiva a doença não é natural ao homem. A saúde deve ser promovida dando ao indivíduo as condições de uma existência saudável. Leia-se por isso o acesso ao lazer, condições de ter uma alimentação balanceada, boas condições de trabalho, moradia, bem como o acesso à informação que possibilite ao indivíduo tomar suas próprias decisões baseadas não numa histeria coletiva, mas em conhecimento real. É óbvio que o conceito de promoção da saúde exige transformações mais profundas na sociedade. O conceito não é interessante para os grupos dominantes, pois exige uma maior distribuição de renda, desinteressante é também para a indústria farmacêutica pois para ela o importante não é assegurar a saúde de seu “cliente”, mas assegurar que eles sobrevivam pra adoecer novamente, consumir mais remédios, conseqüentemente gerar mais lucros ao setor.

Estas mesmas companhias que vendem medicamentos caros e ganham bilhões em investimentos para o combate às “estrelas” das pandemias globais relegam a um segundo plano uma ampla gama de doenças cujo tratamento, quem sabe, não seja tão lucrativo mas que sem dúvida cobram um alto preço em vidas humanas todos os anos. Segundo o Ministério da Saúde, em matéria do jornal O Globo:

---

31 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

32 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.



*“...As doenças da pobreza e o abandono matam 226 brasileiros por dia. São pelo menos 82,5 mil mortes por ano causadas por males como diarreia, desnutrição, malária, tuberculose, dengue, febre amarela e falta de assistência médica...”<sup>33</sup>*

Vivemos em um país em que somente no ano de 2005 (últimos dados disponíveis), morreram 10.599 pessoas de diarreia. Bilhões foram gastos no combate à gripe suína, em detrimento do tratamento de doenças que afligem as parcelas mais pobres da população. Qual a diferença? As chamadas doenças dos pobres atingem em especial os mais necessitados, enquanto que a gripe suína atinge a todas as classes sociais. Fica claro que a doença que atinge também os ricos é o foco principal das atenções. Além disso, por ser um tratamento mais caro que o da diarreia, por exemplo, é financeiramente mais interessante à indústria farmacêutica promover uma comoção nacional em torno do tratamento e dos investimentos no combate à gripe A.

Não estamos aqui desmerecendo a gravidade da gripe suína ou a necessidade de medidas governamentais de combate à pandemia. O que afirmamos é a necessidade urgente de uma política de promoção de saúde. Se todos tiverem qualidade de vida, se a riqueza for melhor dividida dando a todos condições dignas de existência, teremos conseqüentemente um sistema imunológico mais resistente. Estaremos combatendo não só a gripe suína, mas também a principal doença que aflige o mundo e que podemos resumir na palavra pobreza.

---

33 [http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/02/09/doencas\\_da\\_pobreza\\_matam\\_226\\_pessoas\\_por\\_dia\\_no\\_brasil-425554611.asp](http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/02/09/doencas_da_pobreza_matam_226_pessoas_por_dia_no_brasil-425554611.asp). Acessado em 10 de setembro de 2009.

## **Do sensacionalismo à precariedade da saúde pública: o tema da gripe A (H1N1) no Paraná**

*Juliana Valentini<sup>34</sup>*

*Fagner Guglielmi Pereira<sup>35</sup>*

Junto com a pandemia da gripe chegou uma onda sensacionalista que exerce uma influência determinante sobre a informação, que podemos definir como mimetismo<sup>36</sup> ou seja, trata-se de uma situação em que é dada tamanha atenção a um assunto que quanto mais os meios de comunicação falam, mais a mídia acredita que esse assunto é o único indispensável, o tratando muitas vezes de maneira sensacionalista. Dessa forma não transmite para a população as informações que são imprescindíveis e acabam por dar um enfoque “isolado” para nova gripe, assim como outros problemas de saúde coletiva que deveriam ser tratados com mais cuidado pela mídia e que muitas vezes sequer são citados mesmo em ocasiões em que a saúde é alvo de preocupações.

Esse excesso de informações dá a impressão de estarmos sendo bem informados, enquanto ao que temos acesso são versões atribuídas e reproduzidas pela maioria dos meios de comunicações que correspondem a seus interesses. É importante que a mídia trate da pandemia gerada pelo vírus Influenza A, porém com seriedade e contextualizando a situação para a população, tratando-a de forma séria. Porém não foi o que aconteceu recentemente com os casos da nova Gripe em que o sensacionalismo tomou conta dos meios de comunicação.

A questão a ser pensada é em que medida toda a divulgação a respeito da nova gripe se trata de prevenção. Entendendo-a como um projeto informativo de conhecimento do que realmente é a doença e as formas de preveni-la. Ou não passa de mais uma campanha de o sensacionalismo desenfreado a respeito do tema, gerando um quadro de pânico na sociedade. Além de tratar da pandemia de modo ‘isolado’ não trazendo o quadro de outras doenças que afetam a sociedade como a malária, diarreia, Sarampo, pneumonia, que matam milhões de

---

34 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

35 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

36 “O mimetismo é aquela febre que se apodera repentinamente da mídia (confundindo todos os suportes), impelindo-a na mais absoluta urgência, a precipitar-se para cobrir um acontecimento (seja qual for) sob pretexto de que os outros meios de comunicação – e principalmente a mídia de referência – lhe atribuem uma grande importância. Esta imitação delirante, levada ao extremo, provoca um efeito bola-de-neve e funciona como uma espécie de auto-intoxicação: quanto mais os meios de comunicação falam de um assunto, mais se persuadem, coletivamente, de que este assunto é indispensável, central, capital, e que é preciso dar-lhe ainda mais cobertura. Foi o que aconteceu por exemplo no caso da Nova Gripe, ou morte de *Michael Jackson*.” Esse conceito é definido por Ignácio Ramonet em seu livro *A tirania da Comunicação* Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1999.

peçoas, cerca de 3,5 milhões de crianças morrem todos os anos por causa de uma alimentação precária<sup>37</sup> devido às condições de miséria que afetam uma grande parcela da população. Essas doenças que sempre estiveram e ainda estão presentes todos os anos na sociedade fazendo milhões de vítimas não são tratadas com tamanha atenção pela grande imprensa.

O Ministério da Saúde do Estado do Paraná divulgou no decorrer dos meses de maio a agosto as ações do Estado, garantindo que está preparado para o atendimento da população. De acordo com as informações oficiais *O Paraná conta com quatro hospitais de referência (...) dessa forma não há motivo para pânico*. Esses dados mostram que a gripe A (H1N1) está sob controle e não oferece perigo para a sociedade. As atitudes da secretaria de saúde de alguns municípios como Cascavel, Foz do Iguaçu, Paranavaí, no início do mês de agosto, ao montaram estruturas precárias para o atendimento, deixaram as pessoas com casos suspeitos da Gripe A (H1N1) em filas, na rua, esperando em locais desapropriados para serem atendidas, visando diminuir a fila nos postos de saúde, essas atitudes colocam em dúvida a real capacidade do Estado em lidar com uma pandemia.

As atitudes desses municípios mostram a precariedade do funcionamento na rede pública, permeada por inúmeros problemas como a falta de equipamentos para diagnóstico, aparelhos de pressão, de Raio-X, auditivos, de ultra-som, profissionais qualificados, espaço físico adequado, ausência de ambulâncias, leitos, além das péssimas condições de trabalho para os funcionários.

O direito à saúde pública significa a garantia, por parte do Estado, de condições dignas de vida e acesso livre e igualitário à saúde, para todos os habitantes do território nacional. Diante de um caso de pandemia será que o serviço público de Saúde está mesmo preparado?

Enquanto esperamos melhoramentos do Estado, no que diz respeito a melhores condições no sistema público de saúde, a grande mídia dá preferência à impactante notícia de uma nova doença. Mas afinal de contas, o que mata mais é a Influenza A ou o sistema público de saúde?

A verdade é que a mídia local, influenciada pela grande mídia nacional, faz estimativas e contabilidade de pessoas infectadas pelo vírus (H1N1) e esquece de problematizar políticas realmente eficazes que incentivem a promoção do sistema público de saúde.

---

37 [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/01/080117\\_desnutricao Lancet.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/01/080117_desnutricao Lancet.shtml) Acesso em 20.09.09.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Jane Felipe. Memórias da cólera no Pará (1855 e 1991): tragédias se repetem? *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.145-167, dez. 2007.
- CZERESNIA, Dina. *O conceito de Saúde e a Diferença entre Promoção e Prevenção*. Cadernos de Saúde Pública, 1999.
- DAVIS, Mike. *A gripe suína e o monstruoso poder da grande indústria pecuária*. IN: [www.rebellion.org](http://www.rebellion.org) postado em 30 de abril de 2009.
- [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/01/080117\\_desnutricao Lancet.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/01/080117_desnutricao Lancet.shtml)  
Acesso em 20.09.09
- <http://www.paranavai.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=3279>
- <http://www.saude.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=891>
- LÖWY, I.: 'Representação e intervenção em saúde pública: vírus, mosquitos e especialistas da Fundação Rockefeller no Brasil'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, V(3): 647-77, nov. 1998-fev. 1999.
- MARQUES, M. B.: 'Patentes farmacêuticas e acessibilidade aos medicamentos no Brasil'. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VII(1): 7-21, mar.-jun. 2000.
- MARQUES, M. C. da C.: 'Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil'. *História, Ciências, Saúde . Manguinhos*, vol. 9 (suplemento): 41-65, 2002.
- OPERAÇÃO PANDEMIA. <http://www.youtube.com/watch?v=CcgCBiyGljM> acessado em 15 de setembro de 2009.
- RAMONET, Ignácio. *A tirania da Comunicação*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1999.
- RIBEIRO, M. A. R.: 'Saúde pública e as empresas químico-farmacêuticas'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VII(3): 607-626, nov. 2000-fev. 2001
- SANTAYANA, Mauro. *A gripe dos porcos e a mentira dos homens*. Jornal do Brasil.
- SOUZA, C. M. C. de: A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan.-abr. 2005.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.945-972.

## VINTE ANOS SEM MURO?<sup>38</sup>

### Os Vinte anos da Queda do Muro de Berlim

*Prof. Ms. Luis Fernando Guimarães Zen<sup>39</sup>*

*Profa. Dra. Carla Luciana Silva<sup>40</sup>*

*“O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado aos seus semelhantes: ‘Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!’”<sup>41</sup>*

Vinte anos depois da queda do Muro de Berlim, ainda convivemos com a idéia de que junto com o muro caíam as contradições da divisão do mundo em dois pólos. Do lado Oriental o Comunismo e do lado Ocidental o Capitalismo. Com a queda do também chamado “muro da vergonha” veio uma tentativa dos países capitalistas de colocar fim a qualquer alternativa viável contrária ao capitalismo.

O Muro de Berlim foi construído após a II Guerra Mundial para dividir a cidade em duas áreas de influência conforme foi citado anteriormente. Se esse muro representou a diferença entre duas potências econômicas, logo, entende-se que fossem dois projetos em disputa e que aquele que apresentasse as melhores alternativas para solucionar os problemas enfrentados pelas diversas nações em todo o mundo.

Essa é a forma pela qual nos foi apresentada a questão e convivemos até hoje com a idéia de que a queda do muro foi a supremacia do Capitalismo sobre o Socialismo. Esse por

---

38 Mural produzido em outubro/2009. Coordenação: Carla Luciana Silva, Luis Fernando Guimarães Zen.

Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Fagner Guglielmi Pereira, Juliana Valentini, Karen Loraine Kraulich, Marcos da Silva de Oliveira.

39 Docente do curso de História da UNIOESTE.

40 Docente do curso de História da UNIOESTE.

41 Rousseau, J-J. Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p. 87. (Col. Os Pensadores).

sua vez, pagou o preço da “História dos vencidos” e até os dias atuais vem herdando as desconfianças e descrédito por ter sido “derrotado” na disputa pela hegemonia mundial. O chamado Socialismo Soviético feneceu alguns anos após a queda do muro de Berlim, porém a causa do seu fim não foi pela inferioridade em relação ao capitalismo e sim pelas diversas contradições gestadas ao longo de quase um século onde a Revolução Russa liderada por Lênin em 1917, passou por uma transmutação imposta por Stálin gerando outras contradições incondizentes com qualquer proposta de socialismo.

Ao longo do tempo em que o muro permaneceu em pé e até hoje a impressão que fica é de que o muro foi uma invenção das disputas entre os dois projetos, porém, ao longo da história da humanidade, podemos citar várias formas físicas de muro. Eles já eram comuns na Grécia e em Roma na antiguidade onde serviam de barreira de proteção para invasões imperialistas externas.

No entanto, foi na Idade Média que os muros em volta das cidades ganharam um outro sentido, além da proteção, eles passaram a servir como uma espécie de limite das cidades medievais. Dentro desses muros passaram a desenvolver atividades econômicas diferentes daquelas habituais referentes ao cultivo da terra. Era o surgimento das atividades de manufatura e do comércio de mercadorias que não necessitavam essencialmente da terra para serem produzidas. É esse o contexto que nos fala J.J. Rousseau. O surgimento da chamada burguesia. Surgida de um outro extrato social, se coloca entre a nobreza e o restante da população. É essa mesma burguesia que se favorece das relações sociais em desenvolvimento e alterou a seu favor as formas de subsistência de toda a sociedade instituindo as modernas formas de Propriedade Privada que nos fala Rousseau.

A construção do muro de Berlim não foi nenhuma novidade do século XX, os muros já vem separando a humanidade há milênios. Se na Antiguidade servia para as pretensões Imperialistas das conquistas greco-romanas, na Idade Média foram as barreiras necessárias para abrigar os primeiros passos do Capitalismo, o muro de Berlim serviu para separar dois mundos em conflito que buscavam seus processos de expansão.

Nos dias atuais, os muros servem para conter os antagonismos que todo esse processo de “desenvolvimento” causou seja ao separar o México dos Estados Unidos, seja para separar as periferias cariocas das áreas de turismo, ou até mesmo da imensa e intransponível muralha que separam as desigualdades sociais em todo o “nosso” Planeta.

### **Construir Paz e não Muros (MUSA AMER ODEH)**

*Juliana Valentini*<sup>42</sup>

*Karen Loraine Kraulich*<sup>43</sup>

Os conflitos entre Israel e Palestina vêm sendo noticiados nos mais variados meios de comunicação durante muito tempo; vemos imagens de bombardeios, homens bombas, fala-se muito na questão de religião, terrorismo. Contudo, será que com todas estas informações que recebemos diariamente, estamos cientes sobre o que realmente acontece no Oriente Médio e principalmente, com as pessoas que lá vivem?

A disputa destes povos por território acontece há muito tempo, porém nas últimas décadas a ONU passou a intervir nesta questão. Em 1967 criando uma região de fronteira onde se formaria o Estado de Israel e o da Palestina, um separado do outro pela chamada “linha verde” fazendo com que os conflitos fossem ao menos amenizados. Porém, os problemas não são assim tão simples.

O Estado de Israel não respeitou os limites estabelecidos pela divisão da ONU em 67, passando a invadir o território palestino, com exércitos armados, aviões, tanques, desrespeitando os acordos de paz que eram propostos, impedindo a entrada de medicamentos, alimentos bem como toda a ajuda humanitária que chega. O estado palestino sofre uma ocupação brutal em um sistema de *apartheid* imposta por Israel pouco conhecida pelo mundo, de racismo segregação, arrogância e ódio. Os massacres promovidos pelos exércitos israelenses nos acampamentos de Sabra e Chatila em 1982 deixando mais de 2000 mortos não fazem parte apenas da memória do povo palestino, estão ainda muito presente na vida desse povo. Ataques à população civil palestina continuam a acontecer, o acampamento de Jenin com seus quase 18.000 habitantes é um bom exemplo, Jenin foi bombardeado por mais de duas horas em nome do combate ao terrorismo, mais de quinhentas pessoas morreram entre elas mulheres e crianças. Jenin não é uma exceção, no acampamento de Ramallah a situação é a mesma, além dos constantes bombardeios às cidades, a população sofre toques de recolher por parte dos exércitos israelenses. O quadro atual é desolador.

---

42 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

43 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

Existem interesses econômicos e religiosos muito fortes entre os governos de ambos os lados: as terras em disputa além de serem férteis para o cultivo, geram muito dinheiro com o turismo, as cidades de Belém, Jerusalém, toda aquela região que conhecemos como Terra Santa, é visitada por fiéis do mundo inteiro.

No ano de 2002, Israel iniciou um projeto para a construção de um muro, que separaria de vez os dois estados. Muro este que anexa terras palestinas, assim Israel toma para si áreas que correspondem aos melhores recursos naturais da região. A construção do muro tinha como justificativa impedir a passagem de militantes palestinos que cometem atentados suicidas em Israel. Afetou relações familiares, deixou camponeses separados de suas terras, muitas crianças sem acesso a suas escolas e isolou completamente dezenas de comunidades palestinas. Essa barreira não irá fazer com que os dois Estados vivam em paz, e sim só fazer aumentar os pretextos para um nacionalismo e uma religiosidade extrema, que veio se estendendo ao longo dos anos até hoje.

Se voltarmos um pouco no passado, poderemos ver que essa idéia não é um fato isolado, em 1961 surge o Muro de Berlim, fazendo a cidade alemã uma fronteira entre capitalistas, Estados Unidos da América e comunistas União Soviética, tendo repercussão no mundo todo. Bem como, isolar pessoas de outras etnias, invadir e destruir suas casas, promover massacres, tortura, também é algo que já vimos na Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial. A construção deste muro pelo governo de Israel se analisarmos a fundo, possui muitos pontos em comum com estes episódios. Um Estado com interesses capitalistas, desrespeitando não só limites de território, mas sim todas as pessoas que diferem do seu povo, principalmente pela questão da religião, julgando como seres inferiores e que por isto, precisam ser isolados.



## Globalização Cercada

*Alexandre Arienti Ramos<sup>44</sup>*

*Marcos da Silva de Oliveira<sup>45</sup>*

A polêmica construção do muro empreendida pelos Estados Unidos, separando sua fronteira do México, apresentado como uma estratégia de defesa contra imigrantes ilegais, deve trazer reflexões sobre até que ponto essa medida pode ser considerada eficaz e para quem se torna vantajoso tal interesse.

Fruto de grande planejamento, esse “muro” pode ser considerado um meio de repressão à população mexicana, mas também é um exemplo vivo de uma segregação nem sempre visível. Um muro que separa os países ricos dos pobres, o Norte do Sul. Este muro é o mesmo que impede cidadãos brasileiros de entrarem na Espanha, em outros países da Europa ou nos EUA. O muro do México não pode ser entendido sem levarmos em conta a existência de poucos países que concentram a maior parte da riqueza. O modo de manter este elevado nível de vida e esta concentração de riqueza é criado artificialmente através da exploração dos países subdesenvolvidos, onde pessoas se submetem a formas de subemprego, são sustentadas por uma subalimentação comprada com um subsalário. Estas pessoas se tornam subcidadãos globais, marginalizados na era da globalização, do livre mercado e da livre circulação, de mercadorias mas não de pessoas. Apesar de boa parte da riqueza dessas nações ricas ser gerada a partir de empresas transnacionais que exploram a mão de obra barata dos países subdesenvolvidos, esta riqueza não é usufruída pelos que a produzem, os trabalhadores das regiões periféricas.

Exemplo dessa situação, o muro entre os EUA e o México funciona como uma membrana celular. Ela é seletiva, permite passar os nutrientes mas não as toxinas. De igual modo o dito muro, amparado pela legislação do NAFTA, permissiva aos investimentos estrangeiros no México que no final das contas buscam mão de obra barata e explorada em condições mais intensas, bem como incentivos fiscais e uma legislação no mínimo tolerante

---

44 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

45 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

quanto aos impactos ambientais, à semelhança do qual os EUA tentavam implantar a ALCA “associação de livre comércio das Américas.” englobando inclusive o Brasil, permite passar a riqueza extraída da barata mão de obra mexicana pelas empresas norte americanas, mas não permite que os mexicanos adentrem o território estadunidense para usufruir, em pequena parcela que seja, desta riqueza. Como alternativa a tal medida, muitas pessoas optam por entrar de forma ilegal no território norte americano, pois não lhes resta alternativa aparente. Diante da catastrófica desigualdade vivida no México, uma vida como semi cidadãos executando as tarefas desprezíveis ao cidadão estadunidense e sofrendo todo o tipo de discriminação, mas com a ilusão de participar do “modo de vida americano” se torna assustadoramente atrativa.

A preocupação dos americanos com seus territórios faz com que a organização da repressão e da segurança, aliada à parafernália tecnológica, aumente cada vez mais. A exemplo das patrulhas fronteiriças, investigadores, inspetores dos pontos de entrada, oficiais de imigração, câmeras de televisão, sensores, luzes, aparelhos infravermelhos e rádios e dentre outros, criando um grande campo de controle de entrada e saída dos seus limites territoriais. Mesmo com todas essas medidas empreendidas pelo governo estadunidense, é muito grande o número de imigrantes ilegais e legais que moram e trabalham no país. Permite-se que alguns mexicanos passem, legal ou ilegalmente, afinal de contas sua barata mão de obra serve bem aos interesses dos capitalistas estadunidenses. Além de ser uma exploração lucrativa, essa mão de obra funciona como uma alternativa ao trabalhador estadunidense, serve como um agente de desorganização deste e o força a abrir mão de conquistas históricas para assegurar o próprio emprego. Percebemos que não são nem os estadunidenses em geral que ganham com esse sistema, mas apenas uma pequena parcela de exploradores.

Morbidamente engraçado que uma apregoada democracia construa um instrumento de segregação tão grande e articulado como este muro. Um muro que é construído em função de interesses de um sistema capitalista que subordina povos a uma organização produtiva destituída da moral e dos valores hipocritamente pregados pela democracia burguesa dos EUA.

## Muro da Segregação Social: Os “Guetos” do Rio de Janeiro

*Fagner Guglielmi Pereira*<sup>46</sup>

*Guilherme Dotti Grandó*<sup>47</sup>

Este ano completará duas décadas da queda do muro de Berlim, mas as “barreiras” que segregam indivíduos continuam infelizmente em voga. Recentemente o governo do Rio de Janeiro deu início à construção de um muro que contará com 11 quilômetros de extensão e 3 metros de altura.

A iniciativa vem do Governo municipal com o apoio do Governo Estadual, ambos com o discurso de conter o avanço das favelas em direção a camada de mata Atlântica e sua devastação (como se os ricos e a classe média que ocupam boa parte das encostas não tivessem culpa por parte da destruição da floresta). O governador Sergio Cabral pretende transformar cerca de 20 comunidades do morro em guetos, separando o morro do asfalto, separando pobres e ricos.

Como se não bastassem as condições sociais que separam ambas as “classes”, cujas relações de poder segregam abstratamente e selecionam “invisivelmente” as pessoas, agora teremos o muro concreto, no cume do sentido literal, toma forças perante o muro abstrato da divisão social.

Podemos, no entanto, chegar a alguns pontos sobre a trajetória e real “funcionalidade” destes muros. É evidente que a política adotada pelo governo carioca é uma das mais puras formas de segregação, e em alguma medida, tenta-se esconder as desigualdades sociais diante da situação vigente. O conflito que circunscreve Morro & Cidade, vem sendo travado com mais intensidade ultimamente, o muro é um dos reflexos disto, o que não é aceitável. Dentre as favelas que serão separadas pelo muro, estão a Rocinha, o Morro Dona Marta e a Chapéu Mangueira, são comunidades que apresentam trajetória significativa no que diz respeito à resistência contra a repressão policial.

Essa separação entre “pobres e ricos”, é uma prática que divide a população da cidade

---

46 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

47 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

do Rio de Janeiro em dois grupos: de um lado do muro fica a parte abastada que detém todos os recursos para a produção, no outro fica parte da população carioca empobrecida a mercê das determinações deste “seleto” grupo dominante. Não muito distante de nós, há algumas centenas de quilômetros, o ex-presidente dos Estados Unidos George W. Bush construiu um muro semelhante, que separa a fronteira do México com os Estados Unidos e/ou um pouco mais longe, no Oriente onde há um muro que separa os judeus dos palestinos são exemplos internacionais de separação utilizando o mesmo “método” de coerção. Em Berlim, a construção do muro separava a população da Europa Oriental (socialista) à Europa Ocidental, que obtinha os meios de produção disponíveis para garantir sua estabilidade econômica. Embora os níveis sejam diferenciados, a prática é semelhante, pois o intuito tanto dos Estados Unidos, de Israel e da Alemanha, quanto da iniciativa carioca é perpetrar as relações de poder de um grupo dominante diante os dominados, sejam dentro do campo de dominação: Desenvolvido/Subdesenvolvido, ou Asfalto/Morro.

As iniciativas dominantes supracitadas lembram o cercamento das cidades antigas. Os burgos fechavam-se utilizando o sistema de muros para evitar o perigo de ataques e em alguma medida isolar boa parte das pessoas das capacidades produtivas do outro lado do muro. Mais de dois séculos depois da revolução burguesa das primeiras cidades da França, a atual burguesia utiliza práticas semelhantes para garantir sua posição.

Por fim, as medidas tomadas pelo governo carioca, no que diz respeito à construção do muro e suas especificidades enquanto recurso para subordinação de uma determinada “classe” propagará, por certo, em benefício de uma minoria que projeta no muro expectativas de “eliminar” de sua vista a desigualdade social, ou “tapar o sol com a peneira”, fingindo não ver o lado de lá do muro, pois garante, em alguma medida, sua supremacia enquanto “classe”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.cesarsalgado.net/200308/030808b.htm> Folha de São Paulo, 8 - VIII - 2003  
Patrocinado por empresa, muro isola palestinos em Qalqilia

[http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show\\_news.asp?n=223&ed=1](http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=223&ed=1) Relações  
Internacionais - Demétrio Magnoli 1/3/2004 O muro da insegurança

ARBEX: JR José, *Terror e Esperança na Palestina* São Paulo Casa Amarela. 2002

<http://www.globo.com/http.../governo-do-rio-de-janeiro-constroi-muros-para-conter-favelas-755050807.asp> - Acesso em 11/10/2009.

<http://www.diariodorio.com/o-muro-da-vergonha-criando-guetos-no-rio-de-janeiro/> -  
Acesso em 10/10/2009

Caros Amigos Especial. *O Muro Americano: EUA-México, agressiva fronteira da globalização*. Maio, 1998.

<http://www.planetaportoalegre.net>: 04/05/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1509200908.htm>

<http://www1.folhs.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1509200909.htm>